

**UFRRJ**

**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**DISSERTAÇÃO**

**UTILIZANDO O CONCEITO DE AMOR LIVRE PARA  
REFLETIR SOBRE AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS  
DO COMPORTAMENTO SEXUAL DE HOMENS E  
MULHERES.**

**CAROLINA LIMA DA SILVA**

**2018**



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**UTILIZANDO O CONCEITO DE AMOR LIVRE PARA REFLETIR SOBRE AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO COMPORTAMENTO SEXUAL DE HOMENS E MULHERES.**

*CAROLINA LIMA DA SILVA*

*Sob a Orientação do Professor*

**Miriam de Oliveira Santos**

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Ciências Sociais**, no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais.

O presente trabalho foi resultado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de financiamento 001

Seropédica, RJ

Junho de 2018

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S  
586 u Silva, Carolina Lima da, 1987-  
UTILIZANDO O CONCEITO DE AMOR LIVRE PARA REFLETIR  
SOBRE AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO COMPORTAMENTO  
SEXUAL DE HOMENS E MULHERES. / Carolina Lima da  
Silva. - 2018.  
61 f.

Orientadora: Miriam de Oliveira Santos.  
Dissertação(Mestrado). -- Universidade Federal Rural  
do Rio de Janeiro, Ciências Sociais, 2018.

1. Anarquismo. 2. Amor Livre. 3. Representações. 4.  
Papéis Sexuais. I. Santos, Miriam de Oliveira, 1964-,  
orient. II Universidade Federal Rural do Rio de  
Janeiro. Ciências Sociais III. Título.

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**CAROLINA LIMA DA SILVA**

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Ciências Sociais**, no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 08/06/2018

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Miriam de Oliveira Santos, PPGCS/UFRRJ (Orientadora)

---

Prof. Dr. Thaddeus G. Blanchette, UFRJ

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Luena Nascimento Nunes Pereira, PPGCS/UFRRJ

*Dedico este trabalho à duas lindas princesas Bibi e Mia e ao lindo príncipe Tuti, que me inspiram e me alegam todos os dias.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha mãe e ao meu pai por todo seu incentivo e esperança, e por me dar a possibilidade de estar aqui.

A querida professora Cássia Maria Baptista que me ensinou tanto.

A minha orientadora maravilhosa, que me aturou e persistiu ao meu lado. A você Miriam Santos, todos os agradecimentos do mundo.

A todos os companheiros de mestrado por nossa jornada acadêmica juntos.

A Patrícia e ao Rafael, os Sobreviventes Ciço-Lênin, por estarem do meu lado nos momentos difíceis, pelas ótimas conversas, por compartilharmos angústias, aprendizados, carinhos e maldades.

A Suelen Pagu por me apresentar a Maria Lacerda de Moura e dar início a tantos outros aprendizados.

A todos os amigos por incentivarem essa jornada acadêmica.

O presente trabalho foi resultado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de financiamento 001

## Chiquinha – Jacinta Passos<sup>1</sup>

Chiquinha  
teu corpo  
ainda não é teu.  
Não é livre a vida.  
Não é livre o amor.  
Chiquinha  
teu corpo  
mudou de senhor.

Tu sabes Chiquinha  
que a máquina que move  
o mundo moderno  
te vem libertar?  
Tu sabes  
(isto sim, tu sabes)  
a máquina tem dono  
e tu tens apenas  
teu corpo de carne  
que pede comida e roupa e abrigo,  
teu corpo de carne agarrado à vida.

A máquina precisa mover  
dinheiro! dinheiro!  
e tu precisas viver.

O dono da máquina,  
teu dono e senhor,  
Chiquinha,  
é teu comprador.  
Tu vendes teus braços, trabalho, energia,  
tu vendes teu tempo, descanso, alegria,  
vigor, juventude, beleza e saúde,  
futuro dos filhos, tu vendes, tu vendes,  
Chiquinha, que dor!  
tu vendes teu sexo, desistes do amor.

---

<sup>1</sup> Trecho do Poema Chiquinha, de Jacinta Passos. Feminista, entendia que as mulheres só seriam donas de seus destinos quando toda a sociedade se transformasse Salvador : EDUFBA ; Corrupio, 2010.

A máquina te vem libertar.  
Dinheiro! Dinheiro!  
A máquina te vem devorar.  
A máquina é monstro de lenda,  
é monstro-dragão,  
devora teu corpo, é bicho-papão,  
é monstro danado de muitas cabeças,  
tem corpo-serpente, rasteja no chão,  
seu hálito arrasa como um furacão,  
tem língua de fogo tem asas e voa,  
ligeiro, ligeiro, cuspiendo dinheiro,  
devora teu corpo, devora teu povo,  
seu sangue e suor.

A máquina te vem devorar.  
Chiquinha  
tu sabes que a máquina te vem libertar?  
A máquina conquista a terra e o céu e o mar,  
a máquina, Chiquinha, te vem libertar.  
A máquina prolonga teus braços,  
liberta teu corpo de serva doméstica,  
te arranca de casa, derruba as paredes limites,  
fronteiras do lar, doce lar  
– prisão milenar –  
e faz do teu corpo,  
cansado explorado e multiplicado na luta,  
esse mundo difícil, Chiquinha teu reino será.

Chiquinha tu sabes que a máquina  
que move o mundo moderno  
te vem libertar?

## RESUMO

### UTILIZANDO O CONCEITO DE AMOR LIVRE PARA REFLETIR SOBRE AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO COMPORTAMENTO SEXUAL DE HOMENS E MULHERES.

SILVA, CAROLINA LIMA DA. UTILIZANDO O CONCEITO DE AMOR LIVRE PARA REFLETIR SOBRE AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO COMPORTAMENTO SEXUAL DE HOMENS E MULHERES.. 2018. xxp. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ. 2018. O objetivo dessa dissertação é refletir sobre as representações sociais do comportamento sexual de homens e mulheres. Desta maneira, discutir a representação social das questões de gênero enquanto uma categoria de análise que busca estabelecer diferentes formas de estar e ser no mundo, quando o indivíduo e suas relações sociais são atravessados por distintos discursos, símbolos, aspectos e práticas que vão se modelando enquanto masculinos ou femininos.

**palavras-chave** : Amor Livre, gênero e anarquismo

## **ABSTRACT**

### **USING THE CONCEPT OF FREE LOVE TO REFLECT ON THE SOCIAL REPRESENTATIONS OF THE SEXUAL BEHAVIOR OF MEN AND WOMEN.**

SILVA, CAROLINA LIMA DA. USING THE CONCEPT OF FREE LOVE TO REFLECT ON THE SOCIAL REPRESENTATIONS OF THE SEXUAL BEHAVIOR OF MEN AND WOMEN . 2018. xxp. Dissertation (Master in Social Sciences). Institute of Human and Social Sciences, Federal Rural University of Rio de Janeiro, Seropédica, RJ. 2018. The purpose of this dissertation is to reflect on the social representations of the sexual behavior of men and women. In this way, to discuss the social representation of gender issues as a category of analysis that seeks to establish different ways of being and being in the world, when the individual and his social relations are crossed by different discourses, symbols, aspects and practices that are being modeled while male or female.

**Key words:** Free Love , gender and anarchism.

# SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
Capítulo 1: Delimitando o tema e clareando os conceitos.....	14
1.1 O anarquismo .....	14
1.2 Mulheres no anarquismo .....	18
1.3 - Amor Livre .....	23
Capítulo 2 – Revistas anarquistas e a Luta feminina pela igualdade.....	28
2.1 - Revista “A Plebe”.....	30
2.2 Revista Terra Livre .....	33
2.3 Revistas Estudios .....	36
Capítulo 3 – Maria Lacerda de Moura.....	40 <u>8</u>
3.1 - Feminismo e Ciência .....	40 <u>8</u>
3.2 Velhas Novas formas de amor .....	45
3.3 – Emancipação da Mulher .....	51
Considerações Finais .....	<u>55</u>
REFERÊNCIAS .....	<u>58</u>

## INTRODUÇÃO

A proposta dessa dissertação é debater o conceito de Amor Livre feito pelas mulheres anarquista no início do século XX, pensando ele como um possível modelo que desconstrói socialmente e historicamente os valores de posse e exclusividade da ideia do amor, sendo uma forma de reação aos modelos de relação patriarcais, capitalistas e que coloca em debate a relação de poder entre gêneros.

O objetivo é refletir sobre as representações sociais do comportamento sexual de homens e mulheres. Desta maneira, discutir a representação social das questões de gênero enquanto uma categoria de análise que busca estabelecer diferentes formas de estar e ser no mundo, quando o indivíduo e suas relações sociais são atravessados por distintos discursos, símbolos, aspectos e práticas que vão se modelando enquanto masculinos ou femininos.

Buscando ainda refletir sobre a representação do Amor livre como um conceito libertário de práticas afetivas não hierárquicas, horizontal e livre de opressão, na qual se questiona a relação de poder entre gêneros e a moral sexual de uma época, onde se discorre sobre os corpos masculinos e femininos e sobre como a concretização desse ideal por parte das mulheres.

Bourdieu (2002) no início do seu livro “A dominação masculina”, fala sobre uma iniciativa de mobilização visando repor em marcha a história, neutralizando os mecanismos de neutralização da história. Para o autor esta mobilização é marcadamente política, o que traria às mulheres a possibilidade de uma ação coletiva de resistência, dirigida no sentido de reformas jurídicas e políticas, na qual se opõe tanto às resignações encorajadas pelas visões essencialistas da diferença entre os sexos, quanto à resistência reduzida a atos individuais.

Foi a partir dessa “passagem” que comecei a refletir sobre o Amor Livre como uma ideologia que traz propostas de mudanças sociais e soluções para as desigualdades econômicas pregando o princípio da liberdade, uma ação de resistência coletiva na qual se questiona a relação de poder entre gêneros e a moral sexual, onde se discorre sobre os corpos masculinos e femininos, traz a tona questões ligados às sexualidades: dissolubilidade do casamento, aborto, amor livre, entre outros. Possibilitando que todos possam criar formas de se relacionar, visando ligações de cooperação mútua, pautando-se justamente pela liberdade e experimentação de acordo com os afetos, medos e vontades dos envolvidos.

A humanidade se transformou durante os séculos e, junto com ela, transformaram-se também as relações entre as pessoas. A teoria do amor livre não é nova, mas fez moda no atual cenário das relações sociais frente a desumanização crescente da vida. Lembrando que não há o amor em geral ou a moral em geral, mas sim que cada época, e dentro de cada época cada classe, amará de um jeito, por diferentes motivações.

Wendy Goldman (2014) vai falar sobre o debate do tema amor livre na Rússia pós-1917, quando os bolcheviques chegaram ao poder, o norte de uma sociedade mais igualitária passava também por questionar a monogamia, emancipar e dar direitos iguais às mulheres, libertar as mulheres das tarefas domésticas, socializando-as, e dar as condições materiais e econômicas para livrar as relações humanas de qualquer entrave capitalista, não era uma questão de opressão somente, mas a noção de que a própria alienação do trabalho doméstico impede as mulheres de qualquer desenvolvimento.

A explicação, segundo ela, reside na ideia de que a mulher, de modo geral, foi treinada socialmente para dar apoio ao homem. Historicamente não é permitido a elas falarem livremente, serem firmes ou darem passos de maneira independente, analisa. Para a autora na Rússia de 1917, era difícil para as mulheres sentirem que tinham igualdade política dentro do Partido Comunista ou nos sindicatos. Elas se viam diante de obstáculos à igualdade com os homens.

O desejo de realizar esta pesquisa iniciou-se com os questionamentos sobre questões de gênero, feminismo e sexismo. Para conquistar um espaço em suas disciplinas acadêmicas, os estudos feministas e, de um modo geral, as pesquisas sobre as mulheres, os papéis de sexo, as identidades sexuais, relações sociais de sexo ou gênero sempre tiveram que se posicionar em função dos discursos científicos dominantes rompendo com a ideia da universalidade da ciência instituída: masculina, heterossexual, classista e racial.

Acreditamos que a pertinência deste trabalho se justifica plenamente pela contribuição desse conhecimento à situação social das mulheres e das relações de gênero por seu caráter social e político ao pensar a indiferença em relação às desigualdades entre os homens e as mulheres e, mais profundamente ainda, por sua indiferença ao domínio das segundas pelos primeiros.

Para Neves (2007, p. 622), as relações sociais de gênero constroem e determinam papéis, funções, comportamentos e expectativas sociais sobre o amor e a intimidade, não facilmente transponíveis, nem abandonáveis. E ao fazer isso se impõe espaços diferenciados

para homens e para mulheres (colocando os homens no espaço institucional ou público e empurrando as mulheres para o espaço doméstico ou privado), valorizando assimetrias entre os sexos (usando o argumento dos desideratos biológicos e das dessemelhanças naturais), cimentando hierarquias onde o masculino é sinônimo de autoridade, de poder, de controle e o feminino é sinônimo de vulnerabilidade, subordinação e dependência, criando assim uma cultura de direitos e de deveres pensados nas diferenças sexuais e fomentando a proliferação de discursos genderizados. Esse trabalho propõe ser uma ferramenta útil para pensar o feminismo e as questões de gênero.

À medida que fui lendo e conhecendo melhor o tema, deparei-me com os relatos sobre Amor Livre e Anarquismo, isso me levou aos seguintes questionamentos: De que forma os discursos sobre a sexualidade compunham a cultura anarquista brasileira? De que maneira esta propaganda, que incluía questões morais, debatia o amor e propunha diferentes formas de relações afetivas, ganhava visibilidade nos discursos veiculados pelo jornal A Plebe? Como esta perspectiva da propaganda se articulava para compor a proposta de Revolução Social anarquista?

Busco com este trabalho uma reflexão sobre os discursos que questionam os modelos de relacionamentos amorosos disponíveis, que desconstruem socialmente e historicamente os valores de possessão e exclusividade, apresentando-se como uma forma de se relacionar que se opõem aos modelos de relação patriarcais, capitalistas.

Analisar este discurso nos permite compreender a coerência revolucionária da militância anarquista brasileira, pois também se tratava de questionar as teorias acerca da sexualidade, do amor ou da moral. Assim o objetivo desta dissertação, é compartilhar a reflexão a respeito das representações sociais do comportamento sexual de homens e mulheres. Desta maneira, pretendo discutir a representação social das questões de gênero enquanto uma categoria de análise que busca estabelecer diferentes formas de estar e ser no mundo, quando o indivíduo e suas relações sociais são atravessados por distintos discursos, símbolos, aspectos e práticas que vão se modelando enquanto masculinos ou femininos. Buscando refletir sobre a representação do Amor livre como um conceito libertário de práticas afetivas não hierárquicas, horizontal e livre de opressão.

Esta pesquisa pode ser classificada como descritiva. Isto porque a pesquisa consistiu em um estudo de caso qualitativo, que trouxe um levantamento de informações, utilizando o conceito de amor livre para refletir sobre as representações sociais do comportamento sexual

de homens e mulheres. Quanto à metodologia do trabalho optamos pelo trabalho de campo, observando as questões de gênero, os discursos e as práticas que vão se modelando enquanto masculinos ou femininos. Enquanto procedimento, utilizamos a pesquisa bibliográfica, documental e em sites e blogs.

Para ilustrar as conexões entre o Amor Livre e o Anarquismo analisamos a obra de Maria Lacerda de Moura. Ela foi uma das principais pensadoras e defensora do amor livre utilizamos seu trabalho para pensar na posição da mulher dentro a um sistema de desigualdade social e econômico, e sua posição contrária a moral religiosa e moral burguesa de sua época, discursando sobre as ações e reações das instituições sociais. Como anarquista individualista, acreditava na transformação dos próprios indivíduos como caminho primordial para a transformação da sociedade.

Buscando subsidiar nossas reflexões sobre as relações entre amor e poder, recorreremos a Foucault (1984,1985,2014) para pensar as articulações do conceito de prática discursiva e práticas de si que produzem corpos, identidades e sujeitos. Práticas discursivas de controles que também produzem resistências, pensando que a resistência é um elemento das relações estratégicas nas quais se constitui o poder. Onde resistência se apoia, na realidade, sobre a situação à qual combate. Assim o poder é entendido como manifestações de correlação de forças centralizadas no controle, na opressão que sugere um dominador e um dominado, arraigado nas relações sociais, culturais, econômicas, políticas e sexuais.

Para subsidiar as informações sobre as relações historicamente constituídas entre anarquismo e feminismo, utilizamos Margareth Rago (2012) que nos traz a discussão da subjetivação libertária das mulheres, possibilitada pelo impacto do feminismo, ao explorar possíveis interpretações teórico-metodológicas da experiência histórica da organização feminista no anarquismo, tendo como referência teórica os conceitos foucaultianos de "estéticas da existência" e "cuidado de si", colocados em uma perspectiva feminista, que fala sobre a construção da história de diversas mulheres dentro do anarquismo e as suas relações com o Amor Livre. participação política feminina e nas suas propostas de emancipação.

A estrutura desta dissertação está organizada em três capítulos. O primeiro abarca uma breve explanação sobre o conceito de Amor Livre e a maneira como será utilizado nessa dissertação, O segundo é uma reflexão as representações de militância libertária femininas, e como os discursos sobre a emancipação da mulher eram articulados e legitimados para construção de argumentações e discursos na imprensa libertária e o terceiro ocupa-se da apresentação e discussão dos temas apresentados pela anarquista Maria Lacerda de Moura,

tratando sobre reflexões éticas, críticas aos regimes totalitários e à ciência moderna, Estado, religião, família, maternidade e amor livre.

# Capítulo 1: Delimitando o tema e clareando os conceitos

## 1.1 O anarquismo

O termo Anarquismo de acordo com o dicionário político<sup>2</sup> é entendido como:

“[...] frequentemente associado ao de "anarquia", tem uma origem precisa do grego anarcia, sem Governo: através deste vocábulo se indicou sempre uma sociedade, livre de todo o domínio político autoritário, na qual o homem se afirmaria apenas através da própria ação exercida livremente num contexto sócio-político em que todos deverão ser livres. Anarquismo significou, portanto, a libertação de todo o poder superior, fosse ele de ordem ideológica (religião, doutrinas, políticas, etc.), fosse de ordem política (estrutura administrativa hierarquizada), de ordem econômica (propriedade dos meios de produção), de ordem social (integração numa classe ou num grupo determinado), ou até de ordem jurídica (a lei). A estes motivos se junta o impulso geral para a liberdade.” (p. 23)

Assim por movimento anarquista podemos entender aquele que:

“[...] atribui, ao homem como indivíduo e à coletividade, o direito de usufruir toda a liberdade, sem limitação de normas, de espaço e de tempo, fora dos limites existenciais do próprio indivíduo: liberdade de agir sem ser oprimido por qualquer do “senso comum” e da vontade da comunidade geral — aos quais o indivíduo se adapta sem constrangimento, por um ato livre de vontade.” (p. 23)

O Anarquismo surge como uma doutrina no século XIX na Europa, defendendo a organização da sociedade sem nenhuma forma de autoridade imposta e considerando o Estado uma força coercitiva. Correia (2012) fala dos movimentos de massa anarquistas e sindicalistas de intenção revolucionária que surgiram em uma série de regiões, notavelmente em partes da Europa, das Américas e do leste asiático. Trazendo como conceito do anarquismo a defesa de uma transformação social fundamentada em estratégias, que buscam substituir um sistema de dominação por um sistema de autogestão. Desta maneira defende o anarquismo como:

“uma ideologia coerente, socialista e revolucionária, que se fundamenta em princípios determinados e cujas bases se definem racionalmente, a partir de uma crítica da dominação, de uma defesa da autogestão e de uma estratégia comum. qualquer envolvimento nas instituições burguesas, quaisquer, que fossem seus propósitos ou suas formas.” (p.20)

---

<sup>2</sup> BOBBIO, Norberto.; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. Dicionário de política. 11. ed. Brasília: Universidade de Brasília, 1998.

Com a literatura pesquisada podemos perceber que a ampla tradição anarquista foi profundamente influenciada por Proudhon, porém o movimento anarquista toma proporções que vão muito além de suas ideias e dos seus objetivos. O movimento buscou tratar de uma vasta gama de questões sociais, dentro de uma perspectiva classista, constituindo especialmente um movimento da classe trabalhadora.

Ribas (2015) nos traz a ideia que nunca houve um pensador único como referência se tratando do anarquismo, nem mesmo um grande livro como guia e, utilizando a liberdade como um elemento essencial, o pensamento político gerou, de certa maneira, vastas interpretações, leituras, possibilidades e projetos que perpassavam as práticas diárias e as interpretações do mundo. Dessa maneira aqui trataremos das vertentes que achamos principais ao falar das mulheres anarquistas. Assim serão tratadas aqui, as mutualistas, coletivistas e o sindicalismo revolucionário. Também falaremos um pouco sobre o individualismo, mesmo não sendo uma vertente tão importante para o movimento anarquista, consideraremos importante para a contribuição na discussão que será feita mais a frente.

As bases do movimento mutualista estão ligadas a Proudhon, que defendia a associação livre do indivíduo a uma sociedade de homens livre. De acordo com Ferreira (2015) Proudhon elabora sua teoria a partir do saber e do fazer operário. Associação e Mutualidade eram categorias do movimento social, da formação dos sindicatos e cooperativas. Para Corrêa (2015) no mutualismo os trabalhadores, organizados de baixo para cima em associações mutuais, deveriam simultaneamente inverter as relações do capital e do trabalho e inverter as relações do governo e da sociedade.

De mesma tradição antiautoritária e federalista que a corrente mutualista, surge o coletivismo de Mikhail Bakunin, anarquista influenciado por Proudhon. Sustentado uma remuneração de acordo com o trabalho realizado, propõe o comunitarismo do trabalho e da produção. Os coletivistas também defendiam, conforme Corrêa (2015) afirma “um sistema de remuneração baseado no trabalho realizado, reconhecido na máxima ‘a cada um segundo seu trabalho’” (p.161). Assim colocando em comum todos os meios a ela necessários, mas deixando a cada um usufruir individualmente os resultados do trabalho pessoal.

Entende-se o anarquismo sindicalista revolucionário como uma corrente política do movimento operário imersos em contraculturas e movimentos populares mais amplos, vincularam-se a outros círculos populares organizados, abordaram questões que foram muito além do local de trabalho e tiveram um papel central nas lutas comunitárias. Para Corrêa

(2016) o sindicalismo revolucionário não se coloca explicitamente vinculado ao anarquismo, mas sim como uma estratégia dos anarquistas.

O Anarquismo individualista foi a corrente anarquista que tem como autor principal Max Stirner, que apoia tudo sobre o indivíduo. Apesar de ser uma corrente menos mencionada na literatura, se fez presente como ideologia em grupos de anarquistas, tendo Maria Lacerda de Moura uma das suas articuladoras no Brasil. Assim como Benjamin Tucker e Lysander Spooner também insistem na liberdade individual e ausência de coerção do estado, o anarquismo individualista tem ênfase no indivíduo, e na sua vontade. De acordo com Corrêa (2015) essa corrente é fundamentada na perspectiva de uma sociedade futura, “considerando o ego como o lugar de tudo que é humano, e o Estado como tudo que é opressor” (p. 189). Seria através do próprio "egoísmo" e da força que dele deriva que se poderia assegurar a si mesmo e à sua liberdade. Mas apenas na condição existencial totalmente privada de componente autoritário, numa sociedade não organizada e independente de todo o vínculo superior, no qual cada um é seu próprio mestre, interagindo com os outros através de uma associação voluntária.

No quadro das vertentes do anarquismo existem outras divisões que acentuam os aspectos sociais, principalmente ligadas ao mundo do trabalho e em particular com o proletariado que se fazem ressaltar os ideais políticos. Temáticas relativas ao Estado e a autoridade.

A proposta de uma autodefesa do trabalho diante do capital, circunscreveu ideológica e politicamente a cena e atores centrais. Uma delas seria Emma Goldman, que via na anarquia o ideal único para a regeneração da humanidade, não sendo possível de se alcançar sem a aspiração. Filosofia esta que lança as bases de uma ordem social nova, fundada sobre as energias libertadas do indivíduo e a associação voluntária dos indivíduos libertadores.

De todas as teorias, a Anarquia é a única a proclamar que a sociedade deve estar ao serviço do homem e não o homem ao serviço da sociedade. O único fim legítimo da sociedade é o de acudir às necessidades do indivíduo e de o ajudar a realizar os seus projetos. Só então ela se justifica e participa no progresso da civilização e da cultura. Eu sei que os representantes dos partidos políticos e os homens que lutam selvaticamente pelo poder me classificarão de anacronismo incorrigível.(GOLDMAN, 2010.)

De acordo com o dicionário de política, o anarquismo depois da válida elaboração dos anos do final do século XIX e princípios do século XX e do sucessivo impulso para a ação do período da guerra civil espanhola (1936-1939), teve uma revivescência nos anos 60.

Frente às doutrinas prevalentemente sociais do passado, o novo Anarquismo renovou, em parte, a própria temática de contestação e antiautoritária, assumindo tons mais moderados no que diz respeito à rejeição de entidades hierárquicas organizadas (Estado, lei e Governo) e tornando mais precisos certos objetivos da própria polêmica antiautoritária (ideologias sociais, burocracia, sociedade de consumo). Juntou à luta habitual contra toda a forma de repressão violenta a luta contra a repressão psicoideológica das sociedades de massa nas quais o homem se aliena, não mais no campo do trabalho e do capital, mas sim conforme interpretações do novo libertarismo, no campo da própria personalidade, privando-se da própria consciência e da própria capacidade de escolher livremente os objetos de seu próprio interesse.(BOBBIO, 1998)

De acordo com Corrêa (2015) os anarquistas brasileiros, em sua maioria imigrantes europeus, trouxeram consigo ideias do movimento na qual suas principais influências foram Piotr Kropotkin, Errico Malatesta, Mikhail Bakunin, Louise Michel, Max Stirner, Emma Goldman e Nestor Makhno.

Para Rodrigues (1997) o que faz o movimento anarquista no Brasil ganhar força é a migração dos italianos para este país, sacudindo e agitando com maior intensidade a questão social, começando assim uma propaganda maior do anarquismo. O apoio seguiu por portugueses, brasileiros, espanhóis e outros, dando partida a difusão do movimento através de jornais e revistas, fundando e dirigindo escolas de ensino racionalistas e movimentando a esfera cultural libertária.

E é neste ponto que se inicia o labirinto de paredes invisíveis: um mosaico de ideologias, interpretações, reivindicações, interesses e posicionamentos políticos que acabaram englobados como movimento operário brasileiro. Esta pluralidade, por vezes considerada de pouca relevância, seus diálogos e disputas, compuseram, ao mesmo tempo, tanto um labirinto de difícil compreensão como um universo riquíssimo de nuances nas lutas operárias ocorridas durante o final do século XIX e por toda a primeira metade do século XX. Entre estas nuances, encontrava-se a cultura anarquista. (RIBAS, 2015. p. 24)

Dessa maneira podemos perceber o movimento anarquista no Brasil e suas correntes de pensamentos para o diálogo do anarquismo. A mudança da relação Estado/sociedade, e as

questões da participação e da reprodução social serão pontos para seguir pensando em vínculos de opressão do homem e da mulher.

## 1.2 Mulheres no anarquismo

De acordo com Hogan (2009) o sexismo seria a forma de opressão mais antiga que existe, não só precedendo ao capitalismo como também há evidência que o sexismo também precedeu a formas mais antigas da sociedade de classes. “À medida que as sociedades foram se desenvolvendo a exata natureza da opressão às mulheres, a forma particular que ela tomou, foi alterada.” (p.6) Através do capitalismo a opressão às mulheres vai ganhando novas características, tomando assim vantagens desta histórica opressão à mulher para maximizar seus lucros.

Para Goldemberg e Toscana (1992) os aspectos culturais e econômicos vão explicar o movimento de luta das mulheres no Brasil, apresentando um reflexo do que acontecia nas sociedades industrializadas dos Estados Unidos e da Europa. Porém a despeito deste fato no movimento no Brasil apresentava componentes que mostravam que não eram apenas reproduções de modelos estrangeiros, tendo especificidades que se compreendiam através da nossa formação histórica. As autoras nos mostram que a escravidão, a tardia emancipação do centro de dominação e a influência da Igreja como força política são elementos responsáveis pelo conservadorismo e pelo machismo brasileiro.

Embora a discussão anarquista esteja voltada para a dominação classista, as lutas feministas também ocupam parte em suas reivindicações. De acordo com Mendes (2010) as mulheres não foram meras coadjuvantes na teoria e prática anarquista, mas atuaram e, mais ainda, atuaram como mulheres, mostrando a opressão sentida por elas mesmas em todos os termos (que vão da moral até à economia e a política). A partir uma crítica ao feminismo liberal e sua luta pela inserção da mulher na sociedade capitalista, as mulheres anarquistas eram contrárias ao capitalismo e sua ideologia liberal. Negando valores, modelos e formas de conduta fazem parte de uma moral social, no caso a moral burguesa. Propondo assim uma moral libertária oposta à essa moral.

Nesse sentido, a questão da emancipação das mulheres pela sua libertação econômica e cultural foi reforçada no amplo debate que os anarquistas travaram, ao criticar as instituições burguesas e patriarcais. A luta pela

independência feminina era, nesse registro, primeiramente uma questão moral: trata-se de libertar-se do modelo burguês de feminilidade imposto e de construir uma nova figura de mulher. (RAGO, 1997, p. 77 e 78).

Portanto, as mulheres anarquistas propõem bases teóricas do anarquismo como meio para emancipação da mulher, que não existe sem a emancipação da humanidade. Discutindo também as relações hierárquicas existentes também no movimento anarquista, principalmente no que se refere às hierarquias com relação aos sexos, apontando e criticando o machismo nos meios operários.

Como a opressão das mulheres não está tão intimamente ligado ao capitalismo como luta de classe, a liberação feminina tem sido historicamente vista, em grande medida continua a ser vista, como um objetivo secundário para a criação de uma sociedade sem classes, não tão importante nem tão fundamentais como a luta de classes. (HOGAN, 2009. p.7)

Assim Hogan (2009) discute sobre o sexismo sendo uma fonte de injustiça que difere de várias maneiras do tipo de exploração de classe. O fim do sexismo não leve ao fim do capitalismo, assim a autora nos mostra que dessa mesma maneira o sexismo pode continuar depois de se abolir a sociedade de classes. Mostrando que mulheres e homens não têm interesses opostos de uma maneira inerente, que as mulheres não querem abolir os sexos, mas sim abolir a hierarquia de poder que existe entre os sexos e criar uma sociedade onde as mulheres e os homens possam viver livremente e juntos em igualdade.

Para Charles Fourier a condição fundamental de qualquer processo de emancipação é que esta se realize em igualdade entre todos os indivíduos, sendo suficientemente lúcido para perceber a contradição que se dava entre os gêneros dentro do trabalho e como a mulher levava a cabo em solitário uma série de atividades diferentes que deviam ser realizadas em comum para o bem do funcionamento social. Esta posição era de uma importância excepcional e surpreende que não fosse incorporada ao pensamento dos grandes teóricos anarquistas do XIX. Antes ao contrário, a posição de Proudhon será absolutamente reacionária e misógina. Proudhon nega de maneira radical a igualdade homem-mulher, até o ponto de manifestar a impossibilidade de associação entre um homem e uma mulher, devido às fundamentais diferenças e qualidades de um e de outro (TEIXEIRA, 2002).

Rago, ao analisar o trabalho dos pioneiros do Anarquismo, afirma que:

Bakunin pela sua parte não prestou especial atenção ao papel social da mulher nem à especificidade da exploração que sofria. Surpreende que um pensador que mostrou uma clareza tão absoluta para a percepção de como havia de ser autoritário em qualquer sistema e estrutura, desde o estado à religião e ao próprio conhecimento, não tratasse em profundidade este tema em concreto. A sua ausência no grosso do pensamento de Bakunin não deve ter um carácter especialmente positivo, dada a amplitude com que Bakunin analisou o alcance da autoridade e os sistemas de exploração e repressão. (RAGO, 2012,pg.11):

E ainda:

A postura de Kropotkin não melhorou as tendências anteriores. Kropotkin quase não trata este tema em nenhum lugar, e mesmo surpreende que na sua definição da nova sociedade, onde faz explícita referência à divisão do trabalho, reduza esta à divisão entre trabalho intelectual e manual, limite o trabalho a um trabalho exclusivamente produtivo e não faça teimosia nas diferentes tarefas levada a cabo por cada género, como sim tinha exposto Fourier. Sem embargo, Kropotkin mesmo nega de certa forma o carácter da mulher como sujeito revolucionário. Na sua chamada a todos os elementos susceptíveis de fazer parte do processo revolucionário que é o escrito Aos jovens, Kropotkin revê desde os trabalhadores aos artistas, desde os técnicos aos intelectuais, sem fazer uma só referência à mulher se não é em canto que mãe e companheira, nem uma só referência a um papel activo da mulher no processo de emancipação. (RAGO, 2012, pg.11-12):

Desta maneira Rago (2012) nos traz o que ela considera críticas aos principais pensadores do anarquismo e a falta de diálogo com a posição da mulher na sociedade e na luta do movimento.

Também não quer dizer que estas posições foram únicas nem sempre as dominantes, mas sim manifesta uma muito difícil assunção da diferente situação de exploração da mulher respeito ao homem e da situação de poder do homem respeito à mulher em qualquer situação social e a necessidade desta superação. Mesmo quando se começa incorporar no pensamento anarquista, tal vez por influência do anarco-sindicalismo, a necessidade de emancipação da mulher, não se incorpora uma análise específica desta exploração e da necessidade de incorporá-la em igualdade à luta de libertação do proletariado, e falhasse ao não ver que se as necessidades e as finalidades revolucionárias são as mesmas nos sujeitos homem e mulher, não são as mesmas as circunstâncias sociais das que partem. (p.12)

Remetendo ao início do século XX, Ribas (2015) fala de mudanças rápidas e profundas. Onde as configurações dos centros urbanos alteravam espaços sociais e as práticas de sociais emitiam ecos nos comportamentos femininos. Afirmando que a cultura libertária defendia uma participação política feminina, mas de maneira distinta as bandeiras levantadas

pelas sufragistas brasileiras. Desta maneira as anarquistas não lutaram somente pela incorporação da mulher na sociedade tal como se organizava no momento presente da sua luta, requerendo para si direitos civis e políticos, como o fizeram as feministas sufragistas ou liberais. Suas lutas estavam no questionamento da sociedade em todas as suas bases (econômicas, políticas, sociais, culturais e morais).

As outras, as heroínas, as estóicas, conservaram o seu anonimato, e muito mais teriam contribuído para a elevação moral da sociedade, si o preconceito, a escravidão, os códigos e a timidez ancestral, o adinamismo, o egoísmo masculino não as privassem de agir, de trabalhar desassombadamente. O medo, a resignação passiva, a subserviência de escrava foram sempre as armas do seu escudo. E com esse escudo quem já venceu na vida? A causa da mulher é como a causa das párias de todas as civilizações: é causa internacional. Vencerá quando o ódio de raça, de preconceito, de superstições nacionalistas ruir por terra com o estrondo das derrocadas, a golpes de audácia dos camartelos fecundos, avassaladores e fortes... O trabalho feminino tem sido, até aqui, todo dispersivo: a própria beneficiencia leni esse caráter. E a solução não é a caridade humilhante ou a filantropia, mesma a mais altruísta, e sim a evolução, o desenvolvimento do cérebro feminino para a compreensão do papel individual á mulher destinado na multiplicação do bem-estar. (MOURA, 1982. p. 14)

Para Hogan (2009) as demandas das questões das mulheres foram marginalizadas por causa da luta de classe. Os problemas que afetaram os trabalhadores do sexo masculino também afetaram as mulheres que trabalham de forma similar. Porém o mesmo não aconteceu no que diz respeito para temáticas particulares da opressão das mulheres como gênero.

Essa segmentação se dá tanto entre trabalhadores manuais e intelectuais quanto dentro de uma mesma categoria, como por exemplo, entre homens operários e mulheres operárias. O trabalho feminino é colocado como trabalho secundário, respaldado pela idéia de que a mulher, além de física e intelectualmente seria inferior ao homem, teria menos experiência que ele no mercado de trabalho ou seria o sexo mais frágil. A mulher, então deveria ganhar salários mais baixos e ser empregada em tarefas menos especializadas, o que, além de levar à sua completa desvalorização, pressionava o salário de toda a classe operária para baixo. Ora, se havia uma imensa oferta de braços, um “exército de reserva” o salário baixo de uma parcela dos trabalhadores faria com que os salários de todos fossem “jogados” para baixo. Assim também a concorrência entre os trabalhadores podia ser desenvolvida. Além de desvalorizadas e da concorrência entre os operários estimulada pelo emprego de mão-de-obra feminina e infantil, são freqüentes na imprensa operária anarquista as denúncias de maus tratos e abusos sexuais contra as mulheres nas fábricas. (MENDES, 2010. p.82)

Desta maneira a igualdade social e econômica da mulher, era vista e discutida a partir da perspectiva do conflito dos interesses materiais e conforto dos homens. A igualdade das mulheres exigia profundas mudanças na divisão do trabalho, tanto no lar e no trabalho, bem como alterações em todo o sistema social da autoridade masculina.

Para Ribas (2015), é difícil definir um momento preciso em que o movimento libertário brasileiro passou a incluir, entre suas bandeiras de luta, a questão feminina. Ela aparece nos movimentos grevistas entre 1900 - 1920 assim como nas reivindicações operárias e nas produções culturais: imprensa, folhetos e opúsculos. O que podemos afirmar com certeza é que as questões relacionadas à situação feminina, sua emancipação econômica, política, afetiva e sexual compunha a cultura anarquista, ocupando importante lugar na proposta libertária de Revolução Social, especialmente durante a primeira metade do século passado.

Assim, para as anarquistas, a divisão das mulheres em partidos enfraqueceu a luta pela emancipação da mulher. Dando grande enfoque à organização por livre iniciativa e pautada nas afinidades e reivindicações próprias das mulheres. Os reflexos desta preconizada liberdade geraram uma amplitude até então não trabalhados ou tratados de maneira superficial pelos anarquistas do sexo masculino, ao abordarem temas que questionavam a moral sexual, que discorriam sobre os corpos masculinos e femininos, trazendo à tona questões ligadas às sexualidades: situação da mulher na sociedade capitalista, prazer sexual, dissolubilidade do casamento, aborto, maternidade consciente, prostituição, amor livre etc.

Em contraponto, encontravam-se as feministas, que levantavam suas bandeiras por maior espaço de atuação na vida pública e, acompanhadas das socialistas e libertárias, teciam seus discursos e suas ações em defesa do que foi chamado, neste momento histórico, de emancipação feminina. Acrescentaram também ao anarquismo temas até então não trabalhados ou tratados de maneira superficial pelos anarquistas do sexo masculino como a prostituição, o casamento, a maternidade, o amor e a situação da mulher na sociedade capitalista.

São mulheres como Maria Lacerda de Moura, Isabel Cerruti, Isa Ruti, Tecla Fabri, Teresa Carl, Maria Lopes, além de muitas outras que fazem parte de uma História, voz de sujeitos silenciados, mas que estudos recentes têm tentado buscar. Das reivindicações e mobilizações políticas e sociais, onde a pauta feminista coloca na ordem do dia uma luta por autonomia.

### 1.3 - Amor Livre

Como discutido anteriormente, no final do século XIX, desponta para o mundo a ideologia anarquista traz consigo propostas que mudanças sociais e soluções para as desigualdades nascidas dos novos contextos econômicos que se desenhavam. Os reflexos desta amplitude inédita nos discursos, são os temas abordados que questionavam a moral sexual, que discorriam sobre os corpos masculinos e femininos.

De tantas questões trazidas pelas mulheres anarquistas estão entre elas o Amor Livre. Sendo assim pensaremos aqui como essas mulheres abordavam o tema, examinando também a maneira como ele foi pela sociedade ao longo da história.

Segundo Wendy Goldman (2014) ao longo da Idade Média, a Igreja acusou inúmeras seitas das heresias de libertinagem e união livre. Apesar de muitas delas praticarem o coletivismo, suas ideias sobre união livre eram baseadas em noções de impecabilidade e união com Deus, e não pretendiam transformar o casamento e a família ou emancipar as mulheres. Aparecendo novamente no século XVII, inspirados na Revolução Inglesa foi acompanhada por uma forte crítica dos padrões matrimoniais tradicionais das classes baixas e médias.

As críticas da família que emergiram em meados do século XVII eram portanto bastante limitadas. O reconhecimento estreito dos direitos das mulheres estava ancorado na nova ideia religiosa acerca da relação sem mediação de cada indivíduo com Deus. Essa ideia possuía fortes implicações libertárias e questionava seriamente as instituições eclesiásticas e estatais estabelecidas. Mas não rejeitava o domínio patriarcal dentro da família. Alguns religiosos sectários ampliaram o papel da mulher dentro da Igreja, mas não realizavam crítica à dependência econômica das mulheres ou à opressão a elas. A noção puritana de casamento entre companheiros mitigava a subordinação das mulheres, mas não surgia de um impulso para libertá-las. Justificada sob termos religiosos (“a alma não conhece diferença de sexo”), a ideia de união de companheiros correspondia à crescente importância dos lares de tamanho médio nos quais a esposa desempenhava o papel de “sócia menor” em um negócio de família. (p.35)

Ainda que de uma maneira ou de outra tenha sido um tema recorrente na história, o Amor livre passa por mudanças que representam as discussões sociais vigentes. Desta maneira Goldman continua o seu debate sobre o do tema amor livre, na Rússia pós-1917, quando os bolcheviques chegaram ao poder, o norte de uma sociedade mais igualitária passava também por questionar a monogamia, emancipar e dar direitos iguais às mulheres, libertar as mulheres das tarefas domésticas, socializando-as, e dar as condições

materiais e econômicos para livrar as relações humanas de qualquer entrave capitalista, não era uma questão de opressão somente, mas a noção de que a própria alienação do trabalho doméstico impede as mulheres de qualquer desenvolvimento.

A explicação, segundo ela, reside na ideia de que a mulher, de modo geral, foi treinada socialmente para dar apoio ao homem. Historicamente não é permitido a elas falarem livremente, serem firmes ou darem passos de maneira independente, analisa. Para a autora na Rússia de 1917, era difícil para as mulheres sentirem que tinham igualdade política dentro do Partido Comunista ou nos sindicatos. Elas se viam diante de obstáculos à igualdade com os homens.

Emma Goldman fala sobre uma grande falha da emancipação que reside na sua inflexibilidade artificial e sua estreita respeitabilidade, que produz na alma de uma mulher vazia, que não vai deixar beber da fonte da vida.

A salvação está em progresso rumo a um futuro mais brilhante e mais claro. Precisamos irrestrito livrar de tradições e costumes antigos, e o movimento para a emancipação das mulheres não tem assim muito mais do que o primeiro passo nessa direção. Temos de esperar para consolidar e continuar a progredir. O direito de voto e de igualdade de direitos civis são apenas demandas, mas a verdadeira emancipação não começa nas urnas ou nos tribunais, mas na alma das mulheres. A história nos diz que cada classe oprimida ganhou verdadeira liberdade de seus senhores por seus próprios esforços. Por isso, é muito mais importante para começar com a sua regeneração interior, a abandonar o lastro de preconceitos, tradições e costumes. (EMMA GOLDMAN *apud* HOROWITZ, 1990)

Para Neves (2007) as concepções sobre o amor são de extrema importância para a organização das várias culturas e sociedades porque implicitamente definem o que é apropriado e desejável nas relações entre os indivíduos. Especialmente nas sociedades ocidentais o amor tem sido entendido como basilar na interação social, sendo para alguns/as autores/as a chave de todas as escolhas humanas. Frequentemente classificado como feminino, o amor aparece não raras vezes referenciado como sendo um sentimento das mulheres.

Giddens (1993) traz a ideia que no século XX, a sexualidade teve uma nova conotação com a reprodução autônoma e as novas tecnologias reprodutivas. A reprodução podia ser concretizada com a ausência da atividade sexual. Desta maneira liberta a sexualidade do seu papel reprodutivo e passa a configurar uma qualidade dos indivíduos e de suas relações mútuas. Criando assim a sexualidade plástica como elemento fundamental para a

reivindicação da mulher ao prazer sexual. A partir da emancipação e a autonomia sexual feminina, o amor romântico se fragmenta nos relacionamentos puros, mas essa fragmentação vai contra o desenvolvimento de um relacionamento cuja continuação depende da intimidade. A abertura de um em relação ao outro, condição para o que o autor chama de 'amor confluyente', sendo para ele mais real que o amor romântico. Porque é um amor ativo que não se pauta nas identificações projetivas, fantasia de completude, ideia de único e para sempre.

Para Ribas e Maluf (2011) o Amor Livre propunha romper com a religião, com o casamento indissolúvel, com as leis, e com a moral vigente, mas não apenas isso, propunha também um rompimento com a própria educação normativa internalizada pelos e pelas militantes, o que tornava sua efetivação ainda mais complicada. Para que a mulher pudesse estar preparada para estas mudanças tão radicais, os anarquistas complementavam seu projeto de amor livre com o projeto de educação sexual, pois só assim se faria obra de educação e seria preparada a mulher livre do futuro.

Neste sentido, percebe-se que a busca constante dos e das anarquistas, não é apenas pela liberação sexual, mas também pela liberação dos sentimentos, indo contra a sociedade onde o amor se vende e os sentimentos se prostituem.

Para ser livre assim é indispensável que a mulher se emancipe pelo coração e pela razão, deixando de ser medulla para conhecer a verdadeira sensibilidade, que vê como as aguias fitando o sol, avistando ao longe as forminhas humanas na doce agonia de subir mais e mais na escalada da vida. (MOURA, 1929.)

Para a autora o tema não é um apelo a promiscuidade, muito pelo contrário, mas um chamado por uma sociedade em que os sentimentos possam ser o principal motivo da vida a dois, e onde a mulher possa tornar-se parte ativa e respeitada, onde a sexualidade possa ser vivenciada como parte integrante e consciente de uma vida livre.

Para Kehl (2005) a repressão sexual consentida nos aliena de uma parte essencial de nosso desejo e nos torna presas fáceis de compensações secundárias e de uma submissão da qual não temos consciência. “Mas hoje, que o sexo “liberado” virou uma mercadoria entre outras, agregando valor à economia capitalista globalizada” (p.36), assim colocando que o caráter revolucionário da onda de liberação sexual que começou na década de 1950, com a industrialização dos anticoncepcionais e explodiu no fim dos anos 60, onde muitos grupos radicais debatiam como deveriam ser as “novas relações” entre homens e mulheres, seria apenas uma ingênua concepção.

Foi na década de 70 que Rago (2012) redescobriu o tema amor livre, juntamente com todas as propostas libertárias de organização social, quando se vivia uma profunda crítica ao autoritarismo dominante no país, ao mesmo tempo em que se processava uma forte modernização das relações de gênero. O feminismo e o movimento gay levantavam suas bandeiras, soavam os ecos do movimento hippie, da contracultura, da revolução sexual dos anos sessenta. Acima de tudo, para a autora, parece que nos textos dos velhos militantes e nas páginas da imprensa anarquista dos inícios dos séculos, está sendo colocada menos a proposta da variação de parceiros, do que a crítica à institucionalização dos sentimentos em formas rígidas e envelhecidas. Um questionamento da disciplinarização do amor e do sexo que vivia, então, a sociedade vitoriana, no Brasil e em outras partes do mundo, com a ascensão do poder médico.

Goldman (2014) diz que na verdade, a modernização das relações de gênero não significou o fim das desigualdades sexuais e a construção do amor libertário. As mulheres conseguiram muito mais espaço, inclusive nas formas de manifestação do desejo. Kehl (2005) acredita que a modernidade trouxe a diversificação da experiência sexual, ter parceiros diferentes, aprender, perder preconceitos, perder o medo e, para as mulheres, saber que o primeiro homem não tem de ser necessariamente o definitivo. Porém nem todo mundo conseguia ter muito prazer nas experiências de sexo rápido e fortuito que se tornavam, mais que uma possibilidade, quase uma obrigação. “Não se podia saber que a revolução sexual prefigurava a ideologia que prevaleceu a seguir, da cultura do narcisismo, do individualismo, do gozo vendido a preço de banana pela indústria do entretenimento.” (p.37) Dessa maneira a autora acredita que o mercado respondeu às tentativas de mudar o mundo, vendeu os sonhos, transformou as resistências em uma mercadoria.

Já para Rago (2012) não há dúvida de que os anarquistas abriram as portas, já no século passado, para um repensar das práticas sexuais e das concepções da sexualidade que informavam o imaginário social. A autora caracteriza como uma problematização de um campo de temas-tabus que, naquele momento, estavam passando das mãos da Igreja para o poder médico, sem sofrer grandes alterações sem sua normatividade, fenômeno que tem sido pouco discutido e notado. Para ela ao reivindicar a publicização do privado, o que afeta certamente as questões da sexualidade, não há dúvida de que o feminismo contemporâneo retomou antigas lutas colocadas pelas/os libertárias/os, querendo ou não.

Podemos refletir aqui sobre o Amor Livre como uma ideologia que traz propostas de mudanças sociais e soluções para as desigualdades econômicas pregando o princípio da liberdade, uma ação de resistência coletiva no qual se questiona a relação de poder entre gêneros e a moral sexual, onde se discorre sobre os corpos masculinos e femininos, traz à tona questões ligados às sexualidades: dissolubilidade do casamento, aborto, amor livre, entre outros. Possibilitando que todos possam criar formas de se relacionar, visando ligações de cooperação mútua, pautando-se justamente pela liberdade e experimentação de acordo com os afetos, medos e vontades dos envolvidos.

## Capítulo 2 – Revistas anarquistas e a Luta feminina pela igualdade

Ribas (2014) diz que devemos considerar que, de maneira geral, as mulheres não pertenciam ao mundo autoral. Ainda que as mulheres já estivessem trabalhando também fora de casa, criar era um poder masculino, assim marcando os espaços de homens e mulheres, de maneira que nesta primeira metade do século XX, várias mulheres escreviam sob pseudônimos masculinos. Assim a participação feminina na produção da imprensa libertária pode ser considerada um avanço considerável na atuação política feminina, mas que também veio a se configurar como um espaço de segregação, já que excluía de certa maneira as mulheres de classes mais abastadas, por se tratarem de textos destinados às mulheres que lutavam por direitos no espaço das fábricas, vindas das classes populares.

Não podemos esquecer que o anarquismo sempre foi um movimento internacional e, justamente por isso, as trocas entre os militantes de várias partes do mundo eram constantes. Desta maneira devemos perceber que ainda que uma revista não seja brasileira ela conta com artigos escritos por brasileiras, ou até que compartilhem de um mesmo ideal.

Além desses meios e táticas, podemos dizer que as mulheres anarquistas acreditavam que o exemplo, dado nas atitudes e na organização de suas vidas cotidianamente, era outra forma de propagar o ideal e atingir um número cada vez maior de pessoas para construção de uma outra organização social. Dessa forma, praticaram as uniões livres e se organizaram para a luta cotidiana.

Essas concepções ficam evidentes quando observamos suas atuações como escritoras de artigos para jornais libertários, que contou com a participação de muitas mulheres, além obviamente, das suas organizações autogeridas. Não deixando de lado também a participação masculina em artigos referentes a questões da sexualidade.

Neste capítulo iremos discutir a partir de três revistas, A Plebe, Terra Livre e Estudios, pensando que os jornais das classes trabalhadoras, além de produção cultural de uma classe, são também um produto de uma luta social, resultado de um processo de negação da realidade vigente. Além de ser a fonte privilegiada para o estudo do movimento operário e para a própria caracterização da classe trabalhadora. A Plebe foi um jornal anarquista e anticlerical lançado na cidade de São Paulo em 1917 e extinto em 1951. Sob o comando de Edgard

Leuenroth, o jornal A Plebe foi lançado no contexto da Primeira Guerra Mundial e da desestabilização dos salários e da vida dos trabalhadores. Posicionando como um órgão dedicado à luta dos trabalhadores contra a opressão e a miséria no Brasil.

A Plebe publicou notícias sobre vários países, com destaque para os da América Latina e para a Espanha. Manteve uma coluna que tratava da organização e das ações de sindicatos em São Paulo, tanto os do interior quando os da capital. Também dedicou seções à recomendação de livros de tendência libertária. Trouxe, do mesmo modo, artigos que buscavam conceituar para o leitor o que era anarquismo, bolchevismo e comunismo.

Revista teórica anarquista, cujo primeiro número sai em 13 de fevereiro de 1913. Proclama no primeiro editorial: a política deixará de estar monopolizada em poderes e passará a ser exercida diretamente pelos indivíduos como uma das suas funções sociais. Deixa de ser poder e passa a ser função ... Terra Livre quer pois dizer – terra de libertados e de libertários. A revista será proibida em julho seguinte.

De acordo com Alvarenga (2017) “o nome é uma identidade; é o primeiro enunciado que um jornal oferece à visão no espaço e no tempo. Marca a diferença entre os outros jornais, uma posição militante, contra hegemônica, no qual o mesmo não quer se reduzir.” (p.84) Para o jornal A Terra Livre, o nome passou a ser sinônimo de crítica política e militância dos operários. Marcava uma trincheira crítica quando se auto intitulava “periódico anarquista” ou “o homem livre sobre a terra livre”.

Revista Estudios, de produção espanhola do ano de 1928 a 1937 na cidade de Valencia, teve como construção diversas filosofias da natureza com vistas à sociedade libertária. Neste período de fortalecimento a nível mundial dos Estados-nação após a Primeira Guerra Mundial e a ascensão dos Estados totalitários, os militantes e pensadores anarquistas questionavam o avanço tecnológico, a democracia e as instituições da sociedade burguesa. Nesta perspectiva, constituíam diferentes visões da natureza que se opunham à das classes dirigentes, base de um conhecimento científico normalizador e de uma sociedade de controle. Releituras críticas e emancipatórias de temas científicos tão diversos como a eugenia, o naturismo, a educação sexual, aliados ao combate anticlerical e a um pacifismo radical, baseavam a crítica libertária às políticas autoritárias exercidas pelos governos fascistas.

## 2.1 - Revista “A Plebe”

De acordo com Ribas (2015) a participação feminina em A Plebe contava com uma interessante representatividade e era estimulada desde sua primeira edição. Ganhando destaque ainda maior durante as décadas de 1920 e 1930, onde os discursos pró-emancipação feminina ganharam mais força como fruto de um intenso diálogo da cultura libertária com o momento histórico no qual o sufrágio assim como a participação feminina no espaço público estavam em discussão. Foi durante este período que vários artigos veiculados em A Plebe se dedicaram a descrever a luta feminina mediante a ideal da cultura libertária.

A participação intensa das mulheres junto aos movimentos que reivindicavam direitos para o operariado da época ganha destaque na imprensa libertária, alguns grupos com mais destaques como foi o caso das costureiras: elas protestaram, através dos jornais, conclamando operários e operárias, companheiros e companheiras a participarem do movimento libertário.

Eis uma notícia animadora e que atinge em cheio a consciencia de muitos operarios: as costureiras desta capital acabam de se constituir em associação de classe, reconhecendo assim que só com a união, a solidariedade, a ajuda mutua é exequível a reivindicação de direitos postergados. No último domingo, essas escravizadas operarias realizaram uma concorrida reunião na Rua da Quitanda, 4, e ahi deliberaram defender os seus interesses das garras vampiricas dos patrões que enriquecem á custa do seu suor e do seu sacrificio, orientando-se pelos methodos da acção propria, devidamente congregada, e acabando desse modo com o regimen de usurpação agora usado contra a sua classe. Quer dizer: as costureiras conscientes da sua dignidade e do seu valor, decidiram-se a ser mulheres, na verdadeira concepção do termo e não manequins moldados pela botique dos seus algozes de ambos os sexos. Ergueram a frente com altivez e à exploração disseram que já não eram escravas passivas e submissas. Bello gesto! Magnífico exemplo! Homens, operarios dissociados. Se acaso vos envergonhaste de que essas raparigas, irmãs nossas no soffrimento e na miseria, adiantando-se a vos na marcha para a emancipação, vinde também fundar, robustecer as vossas agrupações! (União das Costureiras. A Plebe, São Paulo, 19 de abril de 1919, anno II, número 9).

Como importante arma para a libertação libertária se coloca a luta das mulheres operárias que não deveria ficar restrita às fábricas, à reivindicação de melhores condições de trabalho e melhores salários. Deveria ser uma luta contra a sociedade de classes, contra a exploração do capital e contra o Estado.

A ideologia dominante<sup>3</sup>, por meio de seu discurso construído, partilhado e difundido tanto em nível disciplinar como político, consegue manter uma ordem social que perpetua as desigualdades e o sexismo. Assim, importante considerar a linguagem desse discurso<sup>4</sup> como elemento fundamental da construção da subjetividade masculina e da feminina, e da manutenção das relações sociais e de poder, para que se possa teorizar a respeito da construção social do gênero.

Como se a emancipação da mulher se resumisse em tão pouco... O programa anarquista é mais vasto nesse terreno; é vastíssimo: quer fazer compreender a mulher, na sua inteira concepção, o papel grandioso que ela deve desempenhar, como factora histórica, para a sua inteira integralização na vida social. (...) Antes de tudo, e isso é o essencial ela deve fazer uso do seu raciocínio para se despir dos vãos temores, dos tolos preconceitos e dos ridículos escrúpulos que lhe inculca a falsa moral de Deus e da Pátria, para assim obter o seu pensamento emancipado. Uma vez com o pensamento emancipado a mulher deve estudar, ha de investigar a causa da sua escravidão social e ha de, sem grande esforço, compreender que essa causa tem sua razão de ser nas cadeias do capitalismo que a prende ao homem, constringida a mover-se com ele num círculo vicioso, num ambiente saturado de dor e imoralidade. A Revista Feminina propõe propugnar pela emancipação da mulher conseguindo para ela o direito de empenhar-se em lutas eleitorais. É isto que chamam de emancipação feminina? (...) Qualquer reforma nas leis vigentes que venha a conferir-lhe direitos políticos iguais ao homem não a põe a salvo das chacotas e humilhações, não a livra de ser espezinhada pelo sexo forte e prepotente, enquanto perdurar a moral social que constringe e protege a prostituição. Nós os anarquistas com clara noção da verdadeira e sã moral, esforçamo-nos para que um dia seja realidade uma organização social mais perfeita do que a atual, para que a honra das famílias seja assegurada ao amor livre. (IZABEL CERRUTI, São Paulo, A Plebe, 20 de novembro de 1920)

Nas páginas deste periódico também eram discutidas em seus escritos as reflexões acerca de gênero, na intenção de incluir homens e mulheres na luta pela almejada sociedade libertária, que tinha como influência os debates acerca da chamada “questão feminina”, que

---

<sup>3</sup> De acordo com Bourdieu e Boltanski (1976) as ideologias, na medida em que são produzidas e reproduzidas por grupos sociais específicos, possuem uma grande função vinculativa e integrativa, a qual depende de sua capacidade de criar um senso de coesão sustentado coletivamente. Tendendo a reforçar e justificar a ordem social estabelecida, elas contribuem para confirmar a validade normativa de relações de poder assimétricas.

<sup>4</sup> Segundo Foucault, discurso está na ordem da lei e é de nós que ele lhe advém, supõe que em toda sociedade a produção do discurso e ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certos número de procedimentos que tem por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório esquivar sua pesada e sua temível materialidade, atribuindo ao discurso um papel de controlador da sociedade, o colocando como enunciados que governam como falamos e percebemos certos momentos históricos. (FOUCAULT, 2012, p. 7)

nada mais era do que uma gama de debates nos quais se apresentavam sugestões e possíveis caminhos capazes de guiar a mulher rumo a sua emancipação.

Para Mendes (2010) a busca de os homens e as mulheres em expor suas especificidades e suas dúvidas a respeito de temas esquecidos ou escondidos pelos meios de comunicação da época, como métodos contraceptivos e maternidade livre e consciente, contrariando uma das máximas do positivismo de que a maternidade seria uma função natural da mulher e um dos principais objetivos da união entre homens e mulheres, aliás, nesse sentido também foram além do que pregavam os médicos e juristas da época, afirmavam que a base da união entre os indivíduos não deveria ser, de forma alguma, os interesses políticos e econômicos, mas o amor e a admiração, bem como a solidariedade e a vontade de compartilhar afinidades.

É um fato a constituição deste núcleo de ação social, que muito poderá fazer em prol da nossa propaganda no seio proletário feminino tão números nesta capital e ao mesmo tempo tão escravo dos preconceitos e da explosão capitalista. Os trabalhos do Centro Feminino Jovens Idealistas está despertando interesse entre as operárias, como prova a concorrida e animada assembléia realizada no domingo passado, na qual foram tomadas importantes resoluções (Núcleos de vanguarda. A Plebe, 13 mar. 1920, p. 3).

Com papel ativo da mulher no processo de emancipação assim com o objetivo de reunir o maior número possível de pessoas de sexo feminino, se promovia desta forma, a emancipação feminina através de sua atuação política e da educação.

Se destaca a presença das figuras femininas no movimento anarquista de todos os lugares e jogando todos os diversos papéis, como agitadoras, intelectuais, ativistas. Para Rago (2012) o movimento anarquista manteve posições diversas sobre a própria figura da mulher, o seu papel social e o alcance da emancipação de que devia desfrutar. Mas também não quer dizer que estas posições foram únicas ou nem sempre as dominantes, mas sim manifesta uma muito difícil assunção da diferente situação de exploração da mulher respeito ao homem e da situação de poder do homem respeito à mulher em qualquer situação social e a necessidade desta superação. Desta maneira destacamos aqui a crença na importância da luta de classe feita lado a lado, como iguais e por um mesmo objetivo.

Igualá-la aos homens, diz [Isabel Cerrutti], é ficar onde estamos, pois que o homem é escravo é lutar ao lado e junto aos homens, para que a emancipação seja um fato, não para a mulher ou para o homem, mas sim

para a humanidade, pois que os dois sexos se integram e se completam (RIGA, Pinho. Centro Feminino de Educação. A Plebe, 21 out. 1922, p. 2).

Não podemos deixar de lembrar que a militância operária da mulher não só existiu, como também foi continuada e desenvolvida em condições muito mais difíceis que as dos seus companheiros homens. Visto isso, Rago (2012) acredita que a presença da mulher no mundo sindical foi permanente desde fins do XIX, a sua participação nas mobilizações operárias, e sua expressão quando se começa a incorporar no pensamento anarquista. Assim a necessidade de emancipação da mulher, não se incorpora a uma análise específica desta exploração e da necessidade de incorporá-la em igualdade à luta de libertação do proletariado, ainda que as necessidades e as finalidades revolucionárias sejam as mesmas nos sujeitos homem e mulher, não são as mesmas as circunstâncias sociais das que partem.

## 2.2 Revista Terra Livre

Como um jornal das classes trabalhadoras de duração mais longa publicados no período, com um produto de uma luta social, resultado de um processo de negação da realidade vigente. De acordo com Alvarenga (2017) a diversidade e pluralidade étnica do movimento anarquista, facilitada pela sua cultura internacionalista, resulta nessa pluralidade e o surgimento de diversos jornais como Terra Livre. Publicando, sempre que possível, notícias, cartas, textos doutrinários, colunas especializadas no movimento operário. Não deixando de lado as questões das mulheres anarquistas, e a temática do Amor livre.

A mulher é, como o homem, um ser livre. Acrescentará a isto que nesta sociedade, e ezatamente por estes dois motivos — pelas bases econômicas que ela tem e pela educação dos indivíduos — tudo se faz pelo livre acordo das vontades e não ha, portanto, a lei imperativa, coercitiva, imposta, prenhe de mentiras e de crimes e monstruosidades. Não ha também, consequentemente, as mil praxes absurdas e as mil embaraçosas complicações que da lei resultam sempre. Parece-me, minha amiga, que, tendo isto no seu espirito, bem fácil lhe será descobrir como é feito aqui o casamento. E' claro, não é verdade? E' a União Livre. Unem-se livremente um homem e uma mulher que teem afinidades fisiolojicas, sentimentais e intelectuais. E tudo isso se faz sem a intervenção de ninguém. Desejam-se, amamse, compreendem-se. A conseqüência é clara: unem-se. E assim como livremente se unem, livremente, sem a intervenção de qualquer estranho, desfazem a situação, se separam quando quiserem. (...) Nesta absoluta liberdade se encontra a maior garantia da estabilidade do casamento. E' o que aqui se verifica. E mesmo lá, sem que as bases econômicas sejam estas e

sem que a educação permita, como aqui, uma plena liberdade, nós podemos verificar isto mesmo. Olhe: é vulgar — eu conheço vários casos lá sucedidos— um homem e uma mulher viverem bem, numa relativa felicidade enquanto livremente unidos. Depois, em geral por influência da mulher, casam; legalizam, a situação para ganharem o acolhimento dum sociedade até então retraída, dum sociedade ignorante, cheia de preconceitos e de mentira. (Sobral de Campos. Terra Livre. nº10- 1º ano, 1913)

Em meio a denunciava a tirania doméstica e a tirania política cometida contra a mulher feito pelo movimento anarquista, é possível perceber no trecho acima citado defende a liberdade e igualdade para as mulheres condenando o modelo matrimonial de sua época, assim como a submissão feminina. que a maior parte das exigências com relação ao casamento.

Para Oliveira (1999) a admissão de novos métodos contraceptivos é que irá alavancar uma "revolução" sexual, alterando principalmente a ênfase na reprodução e em decorrência a indissolubilidade do casamento. As separações e os recasamentos vão transformar a estrutura familiar, numa rede de entrelaçamentos que dilui o que acredita ser um autoritarismo patriarcal.

Para Maluf (2010) é na evolução histórica da família, formada pelo casamento, que há a introdução de novos costumes e valores. A globalização, o respeito do ser humano, tendo em vista sua dignidade e os direitos inerentes à sua personalidade, teria imposto o reconhecimento de novas modalidades de família formadas na união estável, no concubinato, na mono parentalidade, na homo afetividade e nos estados intersexuais, respeitando as diferenças essenciais que compõem os seres humanos.

O que é com estes dois primeiros elementos da Família, é com os outros, com os filhos. Os filhos não são propriedade dos pais, não são propriedade de ninguém. Pertencem-se a si próprios. E, desde o berço, todas as energias externas que os vão influenciando, todos os cuidados e atenções que para eles se dirigem tem como fim o fazer deles homens fortes, bem constituídos fisicamente e individualidades marcadas. Esse trabalho começa na Família e completa-se na Escola e na Vida, sempre no seio da maior liberdade. Assim a Família é aqui a unidade social — com todos os seus elementos conscientes, livres e harmônicos. E agora, minha amiga, vou deixá-la... Ali na frente, está uma grande cidade, formosíssima. Vê? Ali encontrará muita coisa bela e muita novidade interessante para o seu espírito. Veja os homens, observe-os, fale com eles, peça-lhes informações. Mundos novos se

rasgarão na sua frente... E veja bem o caminho que trousemos. Tome pontos de referencia. Isto para o caso — a meu ver pouco provável — de querer voltar para traz... (Sobral de Campos. Terra Livre. nº10- 1º ano,1913)

Para Wendy Goldman (2014) a explicação reside na ideia de que a mulher, de modo geral, foi treinada socialmente para dar apoio ao homem. Historicamente não é permitido a elas falarem livremente, serem firmes ou darem passos de maneira independente, analisando a perspectiva que os bolcheviques lutavam para que a instituição ‘família’ definhasse; para que o trabalho doméstico não remunerado das mulheres fosse substituído por lavanderias, creches e refeitórios comunitários; para que o afeto e o respeito mútuos substituíssem a dependência jurídica e financeira como base das relações entre os gêneros.

Se todas as mulheres quizessem ser verdadeiramente francas consigo próprias, confessariam que lhes tem sucedido algumas vezes darem-se virtualmente a um homem que não viram senão durante algumas horas — durante mesmo um curto instante — e de quem elas ignoravam os sentimentos e até o nome. Bastará a pressão da mão, a troca de um olhar, mesmo a emissão da voz, para que o desejo nasça, e, quer o queira quer não, a mulher que tiver sentido tal desejo, terá pertencido a esse homem ainda desconhecido na véspera, que não a possuirá jamais e que ela terá esquecido no dia seguinte. Não podemos ser mais senhores do desejo carnal do que das agonias do nosso estômago. Ambas as coisas são inerentes ao nosso sêr físico, ambas são o resultado de duas necessidades naturais, tão lejitima uma como a outra. Ora a fome não se sacia para sempre; mitiga-se apenas. E se insisto ainda sobre a diferença do amor e do desejo, é porque sempre os tem confundido a ponto de os assimilar um ao outro e esta confusão conduz muitas vezes a funestos e tristes resultados. (Madeleine Veirnot. Terra Livre. nº10- 1º ano, 1913)

Para Neves (2007) as concepções feministas sobre o amor trouxeram a reivindicação do seu caráter debilitante e opressor para as mulheres, na medida em que as tem enclausurado num ideal de felicidade e de realização social que não tem sido mais do que uma falsa promessa de liberdade e de autonomização. Para a autora o amor romântico, concebido durante décadas como o elixir para a consagração dos afetos entre os sexos, fundamentou a reprodução de relações de poder estatutariamente desiguais entre os homens e as mulheres, cujas repercussões se fizeram sentir na organização da vida social.

Nunca houve tanta liberdade na escolha de parceiros, nem tanta variedade de modelos de relacionamentos como agora, no entanto, Bauman (2004) acredita que em nenhum outro tempo os casais se sentiram tão ansiosos e prontos para rever, ou reverter, o rumo da relação como agora. Assim render-se aos impulsos, ao contrário de seguir um desejo, é algo que se sabe ser transitório, mantendo-se a esperança de que não deixará consequências duradouras capazes de impedir novos momentos de êxtase prazeroso. No caso das parcerias, e particularmente das parcerias sexuais, seguir os impulsos em vez dos desejos significa deixar as portas escancaradas "a novas possibilidades românticas".

## 2.3 Revistas Estudios

Estudios foi uma revista publicada em Valencia de forma ininterrupta entre 1922 e 1937, com uma orientação anarquista, e era dona de um editorial de mesmo nome. Com conteúdos relacionados à divulgação científica foram importantes, incluindo seções como perguntas e respostas ou “clínica psíquica-sexual”. Maria Lacerda de Moura, grande divulgadora do amor livre, teve suas publicações na revista espanhola.

Apenas uma grande evolução paralela, um milagre da evolução de dois seres dentro da amplitude ondulante de seus princípios verdadeiramente libertários, dentro dos mesmos sonhos de redenção humana através do individualismo livre e generoso, no íntimo do mesmo propósito estético e de ecletismo amoroso análogo; apenas duas grandes almas, cheias de um sonho e de um ideal renovador, e, portanto, seres de elite, harmoniosos em sua própria consciência, podem realizar esse amor profundo e eterno. (MOURA, Estudios, 1934, n. 127, p.20)

Assim Neves (2007) acredita que os discursos da aspiração à romanticidade parecem continuar a ecoar no pensamento coletivo e a propagar-se como legitimação para a sustentação da intimidade. No qual os discursos genderizados sobre a intimidade e o amor romântico têm fortes implicações nas relações entre os sexos, porque, ao estarem imbuídos de concepções de poder desniveladas e legitimadoras de ações que visam garantir a continuidade do sistema patriarcal, tornam-se discursos de risco para as mulheres.

Para Foucault (2012) o gênero se preocupa com a consolidação de um discurso que constrói uma identidade do feminino e do masculino, normalizando a conduta, regulando a produção de saberes sobre a sexualidade e os corpos, assim estabelecendo as relações de

poder que garantem o “governo” e o “autogoverno” dos sujeitos. A partir disso podemos pensar a discussão sobre os papéis sexuais ao longo da história. Principalmente ao pensar sobre os procedimentos de exclusão e interdição sobre sexualidade, levando em consideração a ideia de que o ocidente lançou uma incessante demanda de verdades sobre a constituição da imagem de sexualidade.

Primeiro de tudo, é conveniente desvanecer um erro fundamental, em termos de práticas eugênicas, que achamos muito difundido mesmo entre pessoas educadas. Eles acreditam que não poucos indivíduos que eugenia - a ciência de ser pai de bons filhos - deve ser prática inerente para o casamento -legal ou não-, mas que nada afeta a vida pré-marital dos futuros cônjuges. Nada mais longe de realidade. Se a educação sexual não continuamente, apesar de tudo - na Espanha e fora dele, um "tabu", as pessoas eles não ignorariam isso, da mesma forma que você tem que começar a educação infantil em o ventre da mãe - antes de nascer -, eugenia requer uma preparação prévia, começa - melhor dizendo, teria que começar- quando a vida sexual da juventude começa de ambos os sexos. (Diógenes Ilurtensis, Estudios, 1934, n. 129)

As atitudes referentes a papéis sexuais diferem de acordo com contextos sociais distintos. Pertence a um ou a outro sexo diferentes atitudes, crenças e códigos numa determinada sociedade, observamos que isto diferencia as sociedades entre si. Mas a compreensão dos padrões de sexualidade no passado ajuda a iluminar um aspecto fundamental do comportamento humano. Diferentes sociedades têm diferentes padrões, de modo que a comparação revela muita coisa sobre como civilizações particulares funcionavam e funcionam.

É verdade que o contrato é voluntário, mas não é menos inegável que as mulheres aceita, quase sempre, de forma irrefletida, e continua sendo explorado pela astúcia masculina. Por outro lado, é evidente que a promiscuidade repugna a natureza feminina, bem até mesmo prostitutas, que se acostumar com o coexistência íntima com todos os homens, sejam estes da condição que eles eram, obrigação de seu "comércio", eles sentem repulsa e até mesmo vergonha para o comércio que exercem, e, portanto, eles sempre têm seu amante, sua «Gigolo» ou «macarrão». Geralmente, o amor da mulher é mais sentimentalista do que sexual. Nesse modo de uma cooperativa amorosa que Armand defende, o amor é trocado em um artigo que faz parte da lei de produção ou consumo do corpo coletivo e está sujeita a oferta e demanda. Na sociedade «armandista» amar, são todos forçados a reciprocidade pelo contrato estabelecido, mas a mulher sempre será prejudicada e ainda explorado. Confessar que tal papel - que alguns libertários ter atribuído seus parceiros - é deprimente e indesejável e profundamente repugnante a todas as consciências realmente livres. O

mulher superior escolhe seus amores; mas não sei submete à imposição de um indivíduo e menos ainda para qualquer grupo. Se é verdade que queremos ir para a maternidade livre, para o estabelecimento de um matriarcado consciente, como pode ser imposta aos indivíduos que formam parte de um grupo de companheiros, o compromisso de promiscuidade ou comunismo sexual, mesmo que seja ocultado após o «Camaradagem amorosa»? Além disso, semelhante sistema iria estabelecer uma ética de indiferença Absoluto: ninguém pensaria sobre a seleção humano, em eugenia e em elevação desenvolvimento gradual da humanidade, para que o a mulher teria que recorrer, talvez, ao infanticídio. Por outro lado, há uma razão poderosa de ordem fisiológica que paga minha tese, e é que a natureza fez as mulheres se encaixarem para satisfazer a libidinalidade de muitos homens; o macho, por outro lado, não tem capacidade nem resistência para dar satisfação a várias mulheres. (...) Amizade, simpatia e amor não eles se impõem. Eles são sentimentos espontâneos e, regulá-los e constituí-los em uma cooperativa de produção e consumo, da mesma forma que uma cooperativa de manufatura é criada e utilização de calçado ou produtos agrícolas, é considere o amor analisável como qualquer outro produto orgânico e não saber nada psicologia humana É para colocar ao mesmo nível terrestre de secreção biliar ou renal "Complexos afetivos" ou psicológicos. A vida afetiva ou mental não pode ser analisada em retortas ou alquitaras, como urina ou o sangue. As investigações dos gabinetes de antropologia psicológica experimental eles fizeram as conclusões mais absurdas: cada sábio interpreta-os de acordo aos princípios que defende ... É, tão óbvio que as manifestações de a vida sentimental ou psíquica escapar do investigações mais meticulosas e sutis de os sábios da categoria maior. (...) Não existe delicadeza ou generosidade no fato que os indivíduos são entregues indiscriminadamente uns aos outros, a cada momento, começando de um compromisso de um grupo cooperativo de amor, ou sob o pretexto de um princípio livre, comunista, defendida paradoxalmente por individualistas anarquistas ... O amor é uma escolha não intencional; é um como uma predileção impulsiva do nosso forças internas, abaladas por algo misterioso é a absoluta liberdade de escolher espontaneamente - e poderíamos dizer inconscientemente - mas nunca promiscuidade nem o servilismo galináceo. (MOURA, Estudos, 1934, n. 127, p.20)

Assim, as qualidades expressivas do amor e da intimidade são vulgarmente reconhecidas como preocupações femininas, manifestadas através de fatores emocionais intensos, tais como a gratificação, a afirmação, a prestação de cuidados e a paixão, ou possibilitando que todos possam criar novas formas de se relacionar, visando ligações de cooperação mútua, pautando-se justamente pela liberdade e experimentação de acordo com os afetos, medos e vontades dos envolvidos, questionando os modelos de relacionamentos amorosos disponíveis, que desconstrói socialmente e historicamente os valores de possessão e criando assim uma forma de se relacionar contra os modelos já existentes.

Base do prazer orgânico mais intenso e verdadeiro *leit-motiv* da vida, orgasmo vené- preso obtido pela cópula do casal ser humano, está sendo reivindicada no século de a revolução sexual em que vivemos. Mais fundo

que a revolução política e social, a operado em idéias sexuais tem uma abundante bibliografia, e está minando preconceitos e a ignorância em que ele a teve nossa civilização cristã. Igual que idéias sociais renovadoras estão envolvidas com o crime, as idéias sexuais emancipadoras eles se confundem com pornografia e com a mercadoria libidinosa suja. E sim temos desafiado a condenação legal e o anátema da polícia e o 'lixo das masmorras E das prisões, onde a carne criminosa é torturada, estamos prontos para desafiar também a raiva dos moralistas e da mentalidade zote daqueles que aparecem limpeza ética, por esconder a purulência de suas perversões malignas disfarçado.(...) Enquanto nossa civilização aceita tudo refinamentos sensoriais, dos mais inocente ao mais pernicioso; enquanto promover todas as licenças da mesa e nós nos habituamos ao sybaritism de todos os sentidos, está envolto em uma atmosfera proibicionista, enterrando-o na lama da ignorância e sujeira, não apenas refinamento de prazer sexual, mas até o mesmo ato fisiológico de cópula. Mas o fluxo de idéias emancipatórias do prazer carnal tem um tal impulso que mesmo merece concessões dos teólogos e da Apologética católica, digamos por tipo de intransigência e obscurantismo. O ato de cópula não deve continuar a ser reduzida ao posse brutal da fêmea, atropelando cegamente sua fisiologia. Pelo contrário, prolegômenos do ato sexual, cultivados por os povos da civilização oriental têm perfeito direito de ser considerado como legítimos complementos de copulação. Com tanta razão quanto um aperitivo é justificado ou um aperitivo na nossa comida. (Isaac Puente. Estudios, 1934, n. 127, p.20)

Sobre os papéis respectivos da biologia e da cultura na definição do comportamento em sociedade, Mead (2006) questiona as noções mais comuns dos papéis sexuais argumentando que, mais do que a biologia, é a cultura que molda o comportamento das pessoas em sociedade. Além disso, mostra também a possibilidade de que as culturas não reconheçam uma diferença de temperamentos entre homens e mulheres. Nesse sentido, o argumento é interessante no que diz respeito à diferença entre homens e mulheres: muitas das características corporais que distinguem os sexos seriam constituídas a partir de um treino social do corpo.

Nesse tipo de relacionamento, os participantes são ativos e podem modificar seu comportamento e realizar mudanças sociais. A estruturação dessa relação é contínua porque as regras e os recursos que movem a sociedade estão cristalizados na memória e na mente desses seres que agem conhecendo ou não os resultados produzidos.

Assim, a estrutura é um condicionante e, ao mesmo tempo, um capacitador das ações desses indivíduos. E o poder de mudança atribuído às lutas masculinas e femininas pela sua identidade mostra a visão de Giddens (2005) sobre como a dualidade dessas estruturas gera oportunidades de ações para esses indivíduos em um presente rompido com o passado. O presente, denominado de sociedade moderna, tende a tornar-se mais flexível para colher todas às formas de relacionamentos.

## Capítulo 3 – Maria Lacerda de Moura

Maria Lacerda de Moura questionou e denunciou a organização da sociedade moderna, tratou sobre diversas reflexões éticas, críticas aos regimes totalitários e à ciência moderna colocando em dúvida a possibilidade da neutralidade do conhecimento científico, entre outros tantos temas libertários e feministas. que pregavam o amor livre como base de todas as relações interpessoais. Procuramos observar em seus pensamentos e ações, o que pensavam sobre organização, ação direta, propaganda e meios revolucionários

Segundo Ribas (2015) a militante anarquista Maria Lacerda de Moura acreditava que a sociedade capitalista e a moral burguesa que a sustenta eram as responsáveis pela exploração da mulher e por colocá-la em uma posição de inferioridade, por conta disso, a sociedade anárquica deveria ser baseada em uma moral totalmente diferente: “na liberdade e na igualdade de todos os indivíduos, sem qualquer distinção de gênero ou raça. Liberdade e igualdade que deveriam pautar todas as uniões.” (p.54)

Maria Lacerda, anarquista individualista, acreditava na transformação dos próprios indivíduos como caminho primordial para a transformação da sociedade. Pregava que o primeiro passo da libertação da mulher e de toda humanidade deveria se dar através de uma educação mais livre e igualitária, que só está maneira levaria à sua emancipação intelectual.

### 3.1 - Feminismo e Ciência

Maria Lacerda de Moura, ainda na década de 20 traz a crítica à ciência e tecnologia vigentes discutindo a situação social das mulheres e a crítica contundente da moral sexual. A autora trabalha em divergência a psiquiatra, que lança sobre a mulher a seguinte ideia: “A mulher é uma degenerada”<sup>5</sup>, que foi aceito por uma facção considerável da sociedade.

Desta maneira busca-se entender o lugar da mulher na sociedade na década de 20 e a produção científica que produz saberes<sup>6</sup> sobre a mulher. Moura (1982) colocava que as teorias

---

<sup>5</sup> Moura usa essa ideia como título de seu livro, lançado em 1924. Argumentando que muitos foram os mitos criados – religiosa e “cientificamente” – para se legitimar a submissão feminina ao poder patriarcal masculino propagador dos ideais máximos para as mulheres: a maternidade e a domesticidade.

<sup>6</sup> Foucault (2008) Um saber é aquilo de que podemos falar em uma prática discursiva que se encontra assim especificada: o domínio constituído pelos diferentes objetos que irão adquirir ou não um status científico; um saber é, também, o espaço em que o sujeito pode tomar posição para falar dos objetos de que se ocupa em seu discurso; um saber é também o campo de coordenação e de subordinação dos enunciados em que os conceitos

científicas positivistas tentavam provar cientificamente uma suposta degenerescência natural da mulher com o único intuito de oprimi-la, colocando-a em uma posição de constante submissão e ignorância, mas sem qualquer fundamento.

Ainda mais: falam só na esterilidade feminina, no entanto a medicina discorre sobre a esterilidade masculina. Há mulheres que só teem filhos no segundo matrimonio. Mas, convencionou-se que umas tantas cousas são naturais para a mulher e deprimentes para o homem... E daí uma serie de absurdos e prejuízos acobertados não só pelo homem mas até protegidos pela "inocência ou pela submissão e inconciencia da mulher". E o assunto é desviado como impróprio, desconforto, mesmo porque os homens se "encrespam" e se sentem ofendidos na sua dignidade... Bombarda considera a instrução feminina, a emancipação da mulher como poderosa força degeneradora, como elemento de esterilidade. (MOURA, 1924, p.23)

Incomodada com o embrutecimento causado pelo capitalismo e da mentira da inferioridade feminina perante o homem, colocando a importância do esclarecimento, ou seja, da emancipação intelectual da mulher, crítica a suposta característica natural das mulheres que seria a comprovação da inferioridade feminina inata.

Desse modo, as questões de gênero encontram-se diretamente relacionada à forma como as pessoas concebem os diferentes papéis sociais e comportamentais relacionados aos homens e às mulheres, estabelecendo padrões fixos daquilo que é "próprio" para o feminino assim como para o masculino, de forma a reproduzir regras como se fosse um comportamento natural do ser humano, originando condutas e modos únicos de se viver sua natureza sexual.

E si o homem voa, além do macho, até o incognoscível, porque ha de a mulher se conservar exclusivamente, eternamente, inevitavelmente acorrentada ao papel de fêmea? E' mais uma prova da brutalidade, do sensualismo, do egoísmo masculino: o homem quer ir longe nas suas especulações científicas, filosóficas, artísticas, mas, quando descer ao mundo — precisa encontrar o derivativo materializado, concretizado — para a satisfação da sua natureza inferior. Assim, gósa na sua mentalidade e gosa no instinto. Para a mulher — restam apenas: a inconciencia, a fraqueza sem defesa, a maternidade com o seu cortejo de dores e amarguras e o jugo masculino. E vae tudo muito bem. E ai daquela que protesta, ai daquela que tem coragem de dizer algo fora das normas estabelecidas. No minimo: leu e não assimilou, não digeriu; juntou palavras desconexas, tem desespero de causa, etc. (MOURA, 1924, p.26)

---

aparecem, se definem, se aplicam e se transformam; finalmente, um saber se define por possibilidades de utilização e de apropriação oferecidas pelo discurso ( p.220)

Isso significa que as questões de gênero têm ligação direta com a disposição social de valores, desejos e comportamentos no que tange à sexualidade. A diferença biológica será o ponto de partida para a construção social do que é ser homem e mulher. A noção que se tem acerca de gênero aponta para a dimensão das relações sociais do masculino e do feminino.

Para Foucault (2008) os elementos do saber são a base a partir do qual se constroem proposições coerentes, ou não. A ciência e assim, o conhecimento, é formado através de relações entre sujeitos, entre poderes formando o antecedente do que se revelará e funcionará como uma verdade admitida. Os discursos de verdade na sociedade são aferidos por meio de comportamentos, linguagens e valores e assim, refletem relações de poder, podendo ou não, aprisionar indivíduos.

A ciência oficial não explica o aparecimento do gênio e afirma presunçosamente coisas absurdas, não comprovadas. Decretar peremptoriamente o que não está provado experimentalmente, equivale a negar em absoluto o que escapa á nossa compreensão, ou o que está além da mentalidade curta dos idiotas e presumidos sob o rotulo da ciência oficial. Não é assim que se consegue chegar ao conhecimento da verdade. O papel do cientista deve consistir em agrupar fatos, observar, catalogar, formular hipóteses e... esperar. (MOURA, 1924, p.52)

Moura reflete sobre a relação entre o discurso médico e a prescrição de comportamento, discutindo sobre a construção de conhecimento e a impossibilidade da ciência abarcar a complexidade e a totalidade da vida.

Heilborn (2006) fala da importância de uma abordagem sociológica da sexualidade, pois, assim conseguiremos demonstrar de maneira consistente que “os mecanismos inconscientes de origem social conformam a subjetividade do indivíduo, de modo que o intrapsíquico não tem origem somente em uma psicologia individual, mas em regras coletivas que estão interiorizadas” (p.6).

Todas as grandes e poderosas civilizações nasceram da barbaria, de grupamentos e até de Ínfimos gregários da selvajaria primitiva. O que se diz da mulher se deveria dizer da maioria dos homens, da massa, da incapacidade mental dos vulgares, dos medíocres, dos ignorantes. O homem herdou a tendência autoritária enquanto cultivou a submissão feminina; continua a ser o senhor, o superior, o protetor, e, quer conservar o servilismo, a inferioridade, a dependencia da protegida. O que ha é o interesse masculino e o comodismo, a preguiça da mulher e a sua ignorância e servilismo cultivados calculadamente através de milénios. (MOURA, 1924, p.41)

O grupo social, através dos padrões de comportamentos, define os papéis que as pessoas devem representar e as submete a estas condutas. Este aprendizado de papéis refere-se a maneira como a sociedade introduz no indivíduo um modelo do modo de sentir, pensar e de agir do grupo, passando a viver em conformidade com ele. O processo de aprendizagem social ocorre durante toda a vida e não pode ser apagado da noite para o dia.

Na realidade, o triunfo deste corpo abstrato criado, pelos filósofos iluministas e efetivado pelas revoluções burguesas, que parece exercer uma coesão de todos os indivíduos, mas que neutraliza as diferenças entre ambos, só se concretizou a partir da crescente racionalização e conseqüente subjetivação e disciplinarização dos indivíduos<sup>7</sup>.

Eis uma cousa que me deixou perplexa. Voltando aos tempos pre historicos encontramos ou fazemos idéa do homem e da mulher com a mesma musculatura, a mesma selvajaria, a mesma brutalidade, em gregários, nómadas, quasi sem linguagem. Lutavam com as mesmas armas: a força física. Mas, nesse mesmo periodo já o homem era homem e a mulher era mulher. Não havia um único tipo varonil legitimo ou um único tipo humano legitimo — o varonil. Todos os órgãos e as funções desses órgãos estavam em ação na mulher. Tinha a força e a selvajaria do homem, mas fisicamente, fisiologicamente era mulher, está visto. Agora, vejamos como houve variação do tipo másculo para o tipo feminino de hoje. Antes do periodo neolítico, antes do homem domesticar o rangifer, o primeiro animal que o homem procurou domesticar e o conseguiu — foi a mulher! Era-lhe difficilimo lutar corpo a corpo com os primitivos animaes e tinha necessidade de quem lhe obedecesse, de quem o ajudasse com submissão: lutou com a mulher, venceu-a, subjugou-a, domesticou-a. Distribuiu-lhe as ocupações, exigiu-lhe serviços, tarefas, castigou-a e repetiu o castigo brutalmente até que ella se deu por vencida e começou a admirar a força bruta... Ficou nas habitações, cuidando dos primitivos serviços domésticos e, daí para cá, todos sabem o resultado desse atentado á liberdade feminina e da submissão, do servilismo, da falta de carater dos escravos, dos tutelados, dos subalternos, — isso pelo lado moral. Pela parte física propriamente dita: a função desenvolve o órgão — é uma lei biológica. As suas formas, o seu corpo, as dimensões dos seus membros, todo o organismo não estando mais afeito ás lutas corpo a corpo com os homens nem com as feras — se foi adelgaçando, os músculos diminuindo em força e aumentando em delicadeza. Sentiu-se protegida e tornou-se preguiçosa, comodista e, não tendo problemas sérios a resolver, não precisou do cérebro. (MOURA, 1924, p.46, 47)

Pode-se observar então que o reconhecimento tanto das profundas diferenças entre processos de caráter biológico e processos de caráter social quanto do tipo de relações

---

<sup>7</sup> Para Foucault mecanismos e práticas de poder, que atuam favorecidos pela construção de determinados discursos com propósitos bem específicos de controle e disciplinarização dos indivíduos.

veiculadas entre essas duas grandes esferas da história da humanidade, assinala o início da desmistificação de uma lógica natural da desigualdade social baseada no sexo.

A análise desses corpos, fundamentada nos estudos de gênero gera uma questão em termos de pensamento crítico voltado à condição do ser social da mulher quase como um movimento social, uma forma conceitualizada como uma série de eventos históricos que criaram as condições necessárias para o nascimento de um discurso que: começou a nomear e descrever os fenômenos de maneira diferenciada; se desenvolveu e se solidificou após ser elaborado com extrema seriedade cognitiva; reconheceu como seu objetivo político a desarticulação da ideologia patriarcal e das práticas sociais, psicológicas e afetivas que a acompanham.

Das hipóteses, sem demonstração, fazem princípios e enunciam teoremas e corolários imaginários, servindo a opiniões suspeitas, a interesses pessoais. Si o cérebro caracteriza o homem como as glândulas mamárias a mulher — porque então não admitirmos a hipótese de que são característicos dos sexos, corolários da diferenciação sexual? Mas, tudo não passa de hipótese, o que está provado é que a mulher não tendo precisado do cérebro, teve um órgão que se atrofiou pela inutilidade, e que a atividade intelectual aumenta o poder mental tanto no homem como na mulher. (MOURA, 1924, p.49)

Os indivíduos não nascem biologicamente pré-determinados a viver um tipo de vínculo com quaisquer sistemas sociais, estrutura de privilégios, distribuição de poder ou possibilidades de desenvolvimento social, afetivo, intelectual e psíquico. Pelo contrário, suas características biológicas são utilizadas como um instrumento ideológico para construir e justificar desigualdades.

Nem ao menos cita as inúmeras exceções, e, não tem grandeza de animo para afirmar que, em ciência, não há exceções: a exceção, repito, é a confirmação de uma lei desconhecida para o cientista. As exceções femininas provam que a mulher se faz por si mesma e, para isso, precisa acotovelar os preconceitos e voar o pensamento para além das pequeninas minudências da vida e das futilidades sociais.(...) Para eles, a liberdade, as escolas, todas as facilidades. Para ela, gineceus, a escravidão doméstica sob todos os aspectos, o ridículo: a sociedade na sua sabedoria masculina, ou melhor — os homens na sua sensatez decretaram a inferioridade da mulher, e, sob o pretexto de que ela é mais pura (a liberdade não exclui a pureza) exigem seu recato, que seja pouco vista, que respeite a voz do mundo, que tenha receio do que possam dizer; enfim: amarraram-lhe a razão, fizeram-na prisioneira social. No fim de alguns séculos, quando ela procurou a sua lógica, o senso, o raciocínio, — estava parálitica. (MOURA, 1924, p.60)

Sobre os papéis respectivos da biologia e da cultura na definição do comportamento em sociedade, Mead (2006) questiona as noções mais comuns dos papéis sexuais argumentando que, mais do que a biologia, é a cultura que molda o comportamento das pessoas em sociedade. Chegando ao pensamento de que: primeiro para o fato de que é possível encontrar invertidos os comportamentos que nós estamos habituados para os sexos na nossa sociedade.

Cada vez que os sacerdotes da verdade incorruptível morrem nas fogueiras, na cruz ou nas masmorras, nas bastilhas seculares da prepotência, a verdade despe uma túnica de pureza para cingir outra mais nivea e ser crucificada, sob outro pretexto, até que a humanidade evolucione em cada civilização mais uma etapa e procure redimir-se, por si mesma, para a escalada transcendente da equidade para todos os seres e da beleza para as consciências adormecidas. E' a repetição para o acordar da letargia e do cinismo revoltante os domesticados, lacaios da prepotência e verdugos dos oprimidos (MOURA, 1924 p.176)

Weissheimer (2015) acredita que a crescente racionalização moderna, originada a partir dos saberes científicos, embora pautada nos pressupostos da razão, e da desmistificação do irracionalismo das “antigas tradições”, que pareciam libertar os indivíduos de todas as sujeições morais, fundou um novo modelo de subjetividade não menos vinculada às estruturas de poder e controle disciplinar do que as pré-modernas.

Rago (2008) vai entender que a liberdade feminina era associada à degeneração moral pelo discurso religioso e pelo científico. De maneira que a Igreja abençoava as mulheres puras e santificadas, os médicos burgueses afirmavam cientificamente que elas haviam nascido para a maternidade e para o lar.

### **3.2 Velhas Novas formas de amor**

Como tema a valorização da livre associação e do esforço individual em contraposição às ideias difundidas pelo Estado, religião e família. sua relação com a construção de uma nova

ética para as relações sociais, baseada no amor plural de Han Ryner<sup>8</sup> coloca o amor livre, como espontâneo e natural. Para ela, o amor é a principal força que guia e motiva todos os seres humanos e, justamente por isso, só pode ser livre

Miranda (2006) mostra que Maria Lacerda de Moura busca em Han Ryner os fundamentos para defender o amor plural. Tendo como ponto de partida o entendimento de que “a grande revolução se daria através do amor guiado pela leveza, sem cobranças e possessividades. A verdadeira fidelidade, segundo o filósofo, era a fidelidade da alma.” (p.81)

Defensora do “amor diversão”, da “amizade amorosa” e do “amor plural”, como momentos da educação do homem e da mulher necessários para poderem conquistar a “possibilidade de amar”. Moura contraria a moral religiosa e moral burguesa de sua época discursiva sobre as ações e reações das instituições sociais.

A organização social dividida em família, religião, pátria ou classe – esbarra de encontro à lei natural e é esse desvio, é esse choque que cria a escravidão, a prostituição, a guerra e a degenerescência humana. (MOURA, 1928.)

Assim nos deixando o pensamento sobre a submissão feminina e sua herança de uma civilização unissexual e transformar essa realidade significava apostar numa ação conjunta entre os sexos.

Até aqui, temos vivido a civilização uni-sexual; a mulher não passou de espectador no cenário da vida. Agora, as divergências aumentam com a civilização standartizada, e um caos, a concorrência, tende a cavar mais o abismo entre o homem e a mulher. (...) A mulher desperta, para a luta econômica acirrada e para os torneios da cultura intelectual: e a reivindicação dos seus direitos chocam-se com o autoritarismo masculino ancestral. Lutas econômicas, lutas de competições, lutas de idéias, lutas de direitos humanos individuais. (MOURA, 1928.)

A partir do gênero pode-se perceber a organização concreta e simbólica da vida social e as conexões de poder nas relações entre os sexos. O ponto de partida da autora é o entendimento de que a grande revolução se daria através do amor guiado pela leveza, sem cobranças e possessividades. A verdadeira fidelidade era a da alma compreendendo as relações complexas entre diversas formas de interação humana, pois o gênero se preocupa

---

<sup>8</sup> Han Ryner (1861-1938): Pseudônimo de Jacques Élie Henri Ambroise Ner, filósofo anarquista individualista francês.

com a consolidação de um discurso que constrói uma identidade do feminino e do masculino que encarcera homens e mulheres em seus limites, aos quais a história deve libertar.

E convém não deixar de estabelecer a diferença entre os conflitos sexuais, o amor fisiológico apenas, o amor-higiene, o amor-desejo sexual e o amor-sentimento, o amor – essa fatalidade, êsse mistério profundo e que a nossa mentalidade ainda não explica, o Amor que tem as suas raízes nas Leis não escritas, Amor que é a fusão de duas almas no magnetismo das correntes de “afinidades eletivas” espirituais, Amor – sistema planetário cuja órbita talvez se perca nos primórdios de todas as eras... Não há superioridade de um sexo ou inferioridade do outro. Há seres sensivelmente diversos e que deveriam se esforçar muito para procurar completar-se pela compreensão mútua. Os mais adiantados, os mais cultos, os que se julgam mais libertos dos preconceitos sociais, os “homens de idéias avançadas”, também êsses conservam o espírito de autoridade e exclusivamente por sobre a presa feminina. (MOURA, 1928.)

Questionava se todos os casais unidos livremente realmente se amavam, ou seja, se o fato de terem renegado as leis e os sacramentos era garantia de que o casal estava enlaçado pelo amor ousou falar de amore(s), da possibilidade de se amar mais de um homem ao mesmo tempo. Sua defesa se sustenta pelo conjunto de ideias que vão sendo agregadas e expostas em seus textos. Assim como Moura, Bauman (2004) procura entender o amor como uma das respostas paliativas a essa bênção/maldição da individualidade humana, que tem como um de seus muitos atributos a solidão que tende a ocorrer dos seres humanos de todas as idades e culturas onde são confrontados com a solução de uma única e mesma questão: como superar a separação, como alcançar a união, como transcender a vida individual e encontrar a "harmonia com o todo".

Donos, proprietários legais ou não, senhores absolutos da sua companhia, de quem exigem a posse exclusiva e a fidelidade do corpo, dos sentimentos e do cérebro e fidelidade da consciência! A concepção negativa da fidelidade feminina tem o caráter da passividade, geralmente. Nesse particular de ciúmes e tragédias sexuais ou amorosas, os homens batem o record nos assassinios de cada dia, nos dramas conjugais de todos os instantes, nos quais se julgam cheios de direitos, proprietários e senhores da espôsa, da amante e até da prostituta de ocasião.

Aliás, a mulher, escrava do homem, objeto de compra e venda, coisa escolhida ou rejeitada em todas as civilizações, habituadas ao servilismo, à obediência a um senhor, dificilmente se conforma com a liberdade... É a razão por que gosta apaixonadamente do homem forte, do bruto, do militar, do boxeur, do esportista em geral, gladiadores, lutadores romanos, dos que vencem pela força, pela selvajaria, pela violência, mesmo não sendo a “doce violência”. É o resultado a que quis chegar o homem – para maior proveito

do autoritarismo próprio e instinto de propriedade privada, adquirido com as primitivas civilizações. (MOURA, 1928.)

O espaço social é marcado por representações dos sexos que opõem homens e mulheres como categorias diferentes e desiguais, onde as questões de gênero, enquanto uma categoria de análise estabelece diferentes formas de ser e estar no mundo, quando o indivíduo e suas relações sociais são atravessados por distintos discursos, símbolos, aspectos e práticas que vão se modelando enquanto masculinos ou femininos.

A autora trabalha sempre para deixar claro que o amor plural é o amor incondicional, o sentimento de aceitação do outro tal como ele é. Questionando a condição social e a dominação cultural sobre as mulheres, demonstra que a exclusão feminina não se devia à sua constituição biológica, tanto por suas profundas reflexões, quanto por sua própria capacidade de combate ideológico e de intervenção social.

Nos relacionamentos pautados no amor exclusivista tanto o homem quanto a mulher procuram modificar seu parceiro e isso se dá porque o exclusivismo é “mesquinha”, “sentimento baixo”, “inferior”, emanado por pessoas incapazes de amar ilimitadamente.

Sexualidade é o conjunto de processos sociais que produzem e organizam a expressão do desejo e o gozo dos prazeres corporais, orientados a sujeitos do sexo oposto, do mesmo sexo, de ambos os sexos, ou a si mesmo (a). Este vem a ser também um conceito cultural que diz respeito à forma como cada ser vivência e significa o sexo, indo além do determinismo naturalista como defende Foucault (2014).

Si, dando a liberdade sexual à mulher, não apenas sob o aspecto teórico, prevalecer ainda o Amor sentimento, o Amor ideal, o Amor integral – aí está o Amor Plural. (...) Só é possível admitir o Amor Plural, sob a primordial condição de se respeitar a liberdade integral de outros seres e de se fazer respeitar na sua dignidade de ser livre, cujo coração tem direito à plenitude afetiva e cujo o cérebro tem o dever de ser razoável e considerar a inversão teórico dos sexos, considerar a mulher com os mesmos direitos orgânicos do homem, e a sua necessidade afetiva, sentimentalmente; e ainda o direito à evolução mental, através de todas as experiências da vida. (MOURA, 1928.)

A sexualidade é considerada, neste contexto, como um “fato social” no sentido de condutas, como origem da identidade além de ser um campo a ser explorado cientificamente. É deste ponto de vista, em que as relações de gênero têm fundamentação em categorizações impregnadas na ordem social, que se permite relacionar não só a posição das mulheres, de maneira subordinada, mas também a relação entre sexualidade e poder.

A atitude do homem, sendo pluralista mas reservando, para si só, uma ou algumas mulheres de eleição, prova que “parece reservar para si aquelas que êle ama e estima, e desprezar as que êle mesmo busca.” Daí os escolho em que se bae a mulher dentro da atual hipocrisia social e diante do exclusivismo masculino. Só o homem pode escolher; e, buscando a mulher, despreza-a, porque foi “fácil”.(...) Então, é o servilismo, a sujeição à tirania do amor único. Mas a situação vai se esboçando muito diversa. Cansada de ser vítima, a mulher se vai transformar em algoz! Declara-se cientificamente, biologicamente, fisiologicamente, com as mesmas necessidades do homem. E os mieos avançados pensam “organizar ” o amor livre, como si o amor ou como se a liberdade pudesse existir dentro de qualquer organização! (...) em busca das razões de ser das nossas contradições sentimentais, provando que, fruto das flutuações indecisas, vindas dos milênios ancestrais, do sagrado antigo e moderno, o amor não pode obedecer a nenhuma espécie de organização, sob pena de acrescentar, à loucura social, uma demência trágica: a loucura reflexa de todos os instintos, animais e humanos consolidados no despertar dos tabus de todas as sociedades em luta com o ambiente social moderno. Seria uma tragédia muito mais trágica que a própria monogamia! (MOURA, 1928.)

A sensibilidade, os sentimentos e os afetos, tomados em geral como dados 'naturais' ou biológicos, têm sido objeto de estudo das áreas humanas com o intuito de demonstrar as dimensões sociais, históricas e culturais destes fenômenos, onde a divisão sexual dos papéis responde pela construção de mulheres e homens diferenciadamente em nossas sociedades, respondendo a questão onde não é a essência biológica responsável pela diferenciação dos gêneros, mas a própria cultura.

Scott (1990) argumenta que o conceito de gênero foi criado para opor-se a um determinismo biológico nas relações entre os sexos, dando-lhes um caráter fundamentalmente social. “O gênero enfatizava igualmente o aspecto relacional das definições normativas da feminidade” (p.5). Este aspecto relacional vem da preocupação de alguns de que os estudos femininos se centravam sobre as mulheres de maneira demasiado estreita, assim a noção de gênero daria conta de que as mulheres e os homens eram definidos em termos recíprocos e não poderiam ser entendidos separadamente.

E dentro do casamento, como do amor livre, o homem é o mesmo troglodita: tem o direito de propriedade da mulher, mata-a si o “traiu”: ciumento e vingativo, só possui uma escrava. E a emancipação econômica da mulher não a emancipou da escravidão sexual.

O “amor divertimento”, a “amizade amorosa” ou o “amor-plural” são as etapas de educação do homem e da mulher, afim de que conquistem a possibilidade de amar e possam merecer alcançar o “verdadeiro amor”, depois que aprenderem a amar, deixando de ser autoritários, ciumentos,

exclusivos e brutais. (...) A crise sexual só poderá ser resolvida dentro da realização interior, quando o autoritarismo animal do homem e da mulher for sufocado pela atitude serena da não violência e da absoluta tolerância para com todos os seres de um e outro sexo.

Autoritarismo ou despotismo animal ou o conceito brutal da violência e do domínio pela força bruta; o preconceito da inferioridade feminina latente no subconsciente mesmo do homem “superior” que cultiva o prejuízo animal da superioridade da força bruta; o instinto de propriedade entre os dois sexos mutuamente – enquanto predominar essa mentalidade carniceira, impossível qualquer solução para os problemas humanos e mais se agravará a crise sexual e a tragédia de ser dois. (MOURA, 1928.)

A constante busca pelos espaços de afinidade faz eco ao sentimento romântico de dor devido à alienação das relações humanas. Pensando na construção das identidades masculina e feminina que determinam uma dinâmica de relação e de poder, notamos na autora a ideia que as mulheres são educadas para perdoar a traição de seus companheiros, apesar de desejarem que seus parceiros amem a elas somente. A diferença dos comportamentos masculino e feminino diz respeito à série de valores e perfis de homem e mulher construídos socialmente: enquanto a mulher perdoa a traição, o homem trai e mata para lavar sua honra.

É verdade que “o amor é precioso fator social e psíquico, mas “a Humanidade o maneja, instintivamente, segundo interesses da coletividade”? – Não. Até aqui, resíduos religiosos e sociais, tabu, totem, exogamia, etc., é que venceram; nunca os interesses individuais ou coletivos foram pesados na balança dos costumes e rituais das diversas espécies de moral das clans ou das civilizações. As superstições religiosas e as organizações sociais, perversamente, segundo os instintos primitivos de sacrifícios humanos, exigiram a obediência a ritos e a princípios absurdos contra a liberdade e a alegria de viver.

A ideologia proletária, ao repelir “a moral burguesa”, no domínio das relações matrimoniais, forja inevitavelmente, sua própria moral de classe, suas novas normas regulamentadoras das relações entre os sexos, que melhor correspondam às tarefas da classe operária, que sirvam para educar os sentimentos dos seus membros, e que, portanto, constituam até certo ponto as cadeias que aprisionam o sentimento de amor. O que não poderá fazer o proletário, porque significaria não perceber o futuro, é lamentar-se de que a classe operária imprima seu selo às relações sexuais com o fim de fazer com que o sentimento de amor corresponda às suas tarefas de classe. O único meio de resolver o problema do amor (si é que tem solução dentro da ignorância e da ‘organização’ da violência e da força e da “vontade do dominismo”) – o meio seria deixá-lo livre, e ensinar a respeitar a sua liberdade. (MOURA, 1928.)

Mesmo considerando que os indivíduos ou grupos não são meros depositários de valores, normas e condutas que determinam comportamentos e atitudes institucionais e

portanto normativas, mas que também refletem e reagem, modificam ou mesmo interpretam essas regras, não podemos nos esquecer que grupos e indivíduos inseridos nesse contexto estão sob mecanismos estruturados de coerção como os contextos sócio político, econômico, cultural etc., que não só criam a desigualdade entre segmentos sociais, como as mantêm como processo de garantia dos privilégios dos que exercem o poder.

É subentendido que no curso desta revolução sexual as lutas e conquistas das mulheres, tais como os direitos a poderes políticos e a isonomia legal possibilitou avanços nas relações de gênero e a dissolução da primazia das relações sexuais conjugais. Assim, o sexo estaria se convertendo num poderoso instrumento de desagregação da estrutura familiar, que já foi protegida pela feminilidade normativa e pelo primado da liberdade sexual masculina.

### **3.3 – Emancipação da mulher**

Maria Lacerda de Moura (1929) deixou nítido seu anticlericalismo, ao colocar a Igreja como responsável por cristalizar o modelo de mulher submissa e inferior, contrastando com essa ideia coloca o amor livre, como espontâneo e natural. A religião, segundo a autora, não respondia a esses anseios, ao contrário, representava mais uma forma de prisão num mundo marcado pela violência, corrupção, ódio e descaso com o próximo.

Segundo ela, o amor seria a principal força que guiaria e motivaria todos os seres humanos e, justamente por isso, só poderia ser livre. Apresentando assim uma preocupação com o ser humano em sua totalidade, corpo e espírito. Tendo como marca o diálogo do indivíduo que nega as leis impostas pelo Estado, os valores religiosos e da família burguesa, e assume posturas autônomas frente às questões que o interpelam, sendo ele um indivíduo livre.

De acordo com Sorter (1975) a família do Sec. XVI e XVII se encontrava fortemente presa à matriz de uma ordem social mais ampla e no caminho para a essência do mundo moderno, a família quebrou todos estes laços, separando-se da comunidade circundante, guardada agora por altos muros da privacidade. A família tradicional era muito mais uma unidade produtiva e reprodutora do que uma unidade emocional. A definição dos espaços entre produção e reprodução remete a diferentes formações sociais, era um mecanismo destinado a transmitir patrimônio e posição social de geração em geração. No sec. XX a vida privada da família e as suas relações com o resto da sociedade, assim como a definição do modo moderno separando o lar, a família, a vida privada da família da esfera pública, sendo realidades históricas construídas de diferentes formas pela organização social.

Desta maneira notamos a importância das preocupações de Moura (1929) na discussão da maternidade consciente, cumprimento dos deveres da educação da criança, a realização das mulheres da vocação natural contrário aos dogmas religiosos ou à moral burguesa o controle sobre seu corpo.

E quando é preciso a mulher subir para alcançar a sua enorme responsabilidade e se respeitar como sendo o canal por aonde vae fluir a vida divina através da procreação consciente, através do Matriarchado, através do Amor na mais elevada expressão da sua Belleza transcendentalizada pela Dôr! Quando compreenderá ella o sentido cosmico do Amor e da Maternidade! (...) Em uma sociedade fraternalmente organizada e consciente baseada no idealismo puro dos eleitos, o facto de dois individuos se unirem para dar nascimento a um terceiro – que lhes não pediu para vir ao mundo e que deve ser recebido com carinho excepcional e com respeito sagrado, esse facto deveria constituir ephemeride gloriosa, porque nada ha mais profundamente mysterioso e grande e santo do que a concepção de uma criatura humana.

Carne, vaidade, preconceito e dogma religioso – é só como se póde definir o homem e a mulher modernos.

E é preciso convir que não são homens vulgares os seus heróes, pelo contrario: um é o typo do libertario, combatente, militante que vae até o sacrificio da sua liberdade cerceada no cárcere, mas acha a mulher, muito independente incapaz de saber amar... “Emancipemos a mulher!”, mas emancipemos a mulher dos outros... Quanto a mim, dirão todos os libertarios ou não, quero-a bem eterna, bem mulher (isso quer dizer: bem submissa, bem inferior), bem bibelot para a minha idiosyncracia masculina, bem doce e bem fraca para que a minha vaidade seja exaltada, para que meu braço possa melhor protegel-a. (Moura, 1929)

Para compreender esse contexto, Ribas (2015) em sua pesquisa mais minuciosa sobre periódicos anarquistas entende que as contradições nos discursos veiculados pela mesma, no que se refere aos debates sobre maternidade, sinalizavam a força presente na representação de “mãe” assim como nas expectativas relacionadas a ela, colocando em xeque as normatizações. Podemos entender a inconstância dos discursos como uma forma não apenas de divulgação dos preceitos anárquicos, mas como também um diálogo com os acontecimentos e a dinâmica social de sua época.

Neste sentido, possibilitar às mulheres que tenham plena liberdade para viverem conforme desejem, é uma de suas tarefas com a estratégia revolucionária realocada para o cotidiano, a preocupação com as questões relacionadas à família e ao matrimônio, tal como se davam na sociedade burguesa, e à moral sexual que sustentava a divisão de mundos e possibilidades entre homens e mulheres.

Em antecedência Emma Goldman (2016) apresenta a visão do casamento como um arranjo econômico, um pacto de seguro, na qual só difere do contrato comum de seguro de vida naquilo que tem de mais obrigatório, de mais exigente. Os retornos são insignificamente pequenos quando comparados aos investimentos. Para a autora se o marido é o prêmio do seguro, a mulher é paga por isso com seu nome, sua privacidade, sua autoestima, com sua própria vida “até que a morte os separe”. Além do que, o contrato do casamento a condena a uma dependência vitalícia, ao parasitismo, a completa inutilidade individual bem como social. O homem paga a sua parte também, mas como sua esfera é maior, o casamento não o limita tanto como à mulher. Ele sente suas correntes pesarem mais num sentido econômico.

Os direitos do sexo feminino têm sido espezinhas nas cathedras, nos confessionarios, nas alcovas ou nos boudoirs do luxo e do vicio, nas leis e nos direitos forjados pela politica e pela diplomacia oficial e officiosa de todos os tempos, na historia e nos lares, na vida publica como na privada, dentro e fóra do casamento – abramos um parenthesis: (essa immoralidade ou prostituição legalizada nesta sociedade bestial-commercialista em que a mulher se vende ou se aluga a um só por toda a vida – porque é mais commodo do que se vender ou alugar-se a diversos e por tempo indeterminado – sujeita aos caprichos e aos imcommodos da policia e da hygiene publica e não tendo direito a frequentar certos salões, onde é mais picante, mais interessante, diferentes...); os direitos femininos foram sempre espezinhas por uma moral muito commoda, feita exclusivamente pelo sexo forte e para o sexo forte que, por ser forte, predomina.

Eu não chamo mulher moderna e reivindicadora dos direitos civis ou politicos da mulher: essa é justamente a mulher do passado e que acordou tarde...; nem são mulheres modernas as feministas à outrance, desprezando os homens ou querendo o predominio ou a “melindrosa” sem pudor, a semi-vierge, a la Garçonne... Mulher moderna, para mim é Federica Montseny<sup>9</sup>, são as precursoras de uma moral unica para ambos os sexos, são as Inspiradoras conscientes, que não querem fazer descer a mulher até o charco onde o homem se nivela aos brutos ou os ultrapassa na selvageria e nos vicios, mas sim pretendem fazel-os subir até ella, até a sua superioridade heroica, até os seus lindos sonhos de Liberdade, de Amor e de Belleza. (MOURA, 1929)

---

<sup>9</sup> **Federica Montseny** nasce em 1905. Atuou desde cedo na CNT, colaborando também com as atividades editoriais da família. Foi uma das organizadoras do grupo anarquista Mujeres Libres, e participou ativamente na Guerra Civil Espanhola, entre os anos de 1936-1939, quando os anarquistas se enfrentam com os comunistas na luta contra os fascistas. Em 1936, passou a integrar o comitê regional da CNT e o comitê peninsular da FAI e, durante a Revolução, tornou-se ministra da saúde e assistência social no governo formado por Largo Caballero, aprovando a legalização do aborto. Luta pela emancipação feminina, questionando a moral conservadora da Espanha de sua época. Sua participação no governo teve apoio do movimento, mas, entretanto, foi alvo de muita polêmica. Exilada na França após a derrota, foi presa diversas vezes e, durante todo o exílio, manteve uma intensa atividade, até 14 de janeiro de 1994, quando morre em Toulouse. <http://www.anarquista.net/federica-montseny/>

Discutindo a moral vigente e a organização da sociedade, e vendo o casamento baseado em aspectos econômicos como o mesmo que a prostituição (o primeiro apoiado e aceito socialmente, enquanto a segunda era condenada), Moura critica realidade dessas mulheres, que não se ocupava só do lar e da família, mas também da aparência e da convivência social. A nova mulher que estava em toda a parte: nos cafés, nos salões de leitura, nas praças, lojas, mas sem esquecer-se do seu lar, de sua missão como rainha do lar e anjo tutelar da família na qual a Igreja e o Estado ditam as normas.

Essa construção de gênero funda a feminilidade, onde o uso do conceito procura dar conta da vivência diferenciada das mulheres e dos homens, das suas diversidades dos processos de socialização e dos padrões diferenciados de comportamento entre os sexos, dentre outras diferenças construídas culturalmente.

Para Birioli (2013) as características como a afetividade, o “talento” para dedicar-se a outrem e cuidar das crianças ou mesmo a beleza, para citar apenas alguns exemplos, carregam em si ambiguidades que são características do exercício da opressão ou da positividade do poder. Essa afirmação de que os sujeitos são constituídos pela sua sujeição pode ser mobilizada para explicar o caráter dessas ambiguidades, compreendendo que a identidade subjetiva e a alienação constituem-se de uma mesma matéria, o gênero assim é visto como um elemento constitutivo das relações interpessoais e sociais na sociedade em geral.

Ao questionar alternativas a esses modelos, Moura prega a luta, através das organizações operárias, pela educação e pelo exemplo como meios para se chegar à revolução social, vista como única maneira de libertação total e real da mulher. Propondo assim novas formas de vida e de união entre os indivíduos mesmo dentro da sociedade capitalista, formas essas que deveriam estar pautadas nos ideais finais do anarquismo como a solidariedade, o apoio mútuo e o amor livre.

Dentro da actual organização social só é possível a independência da mulher quando ella é uma tempera de ferro e corta relações com o passado e faz a sua vida como a quer. (...) Tudo conspira contra essa independência. A maternidade (isto é, a legal) cantada em prosa e verso e sandices e conselhos accacianos e hypocrisia muito calculada e muito commoda, dentro deste regimen, é a maior peia á independência feminina, uma das armas dos homens – os fortes – que abusam das suas prerrogativas physiologicas para escravizarem o sexo fraco. Só a mulher é responsável pelo filho, pela educação, pelos seus desregramentos, mas, perante a lei, o homem tem o direito de arrancar-o dos braços maternos e o faz, quase sempre por

vingança, reclamando em nome dos seus altos sentimento de pae, e ferido na sua dignidade de homem! Casada, solteira ou viuva, a mulher é escrava do salario, do pae, do marido, patrão, director espirital ou sociedade. Amor livre é apenas a união de um homem e uma mulher, dispensando a cerimonia religiosa ou os editaes e as formalidades exigidas pelo Estado? Unem-se sob os mesmos prejuizos sociaes, têm os mesmos preconceitos e mais o preconceito de que amor livre é apenas gritar alto que estão fora da lei e do ritual religioso. (...) Interessante é que o thema – amor livre – é hoje muito discutido e necessario nas rodas de intellectuaes e proletarios. (MOURA, 1929)

Essa construção de gênero funda a feminilidade na maternidade, defendendo que a mulher não deveria se tornar uma “vítima da maternidade”, pois acreditava que o corpo pertencia a cada indivíduo, desta maneira caberia a cada um decidir pelo que acreditasse ser melhor para si.

Birioli (2013) define padrões quanto a posições, atitudes e comportamentos e práticas em geral que, entre outros aspectos, são capazes de reprodução das desigualdades e diferenças sociais. Correspondendo assim ao ideário que define como legítimas as obrigações que correspondem a auto obrigações, dentro dos limites estabelecidos pela reciprocidade entre indivíduos livres e iguais. O que confere legitimidade às relações é o consentimento voluntário. A tomada de consciência que é a base para a transformação dessa posição subordinada dependeria, assim, da ressignificação das experiências vividas.

Para Moura as mulheres deveriam realizar-se como indivíduos de maneira integra e enxergava a maternidade não como uma missão divina e natural da mulher como afirmavam médicos e juristas, mas sim como fruto da vontade espontânea da mulher.

A mulher é mulher ante de ser mãe. A solução é a emancipação integral da mulher, a sua emancipação sexual para ser dona de seu proprio corpo e, então, poder realizar, na sua grandeza estupenda, a Maternidade Consciente. Si a educação da mulher vem dissolver a familia – logicamente a instituição da familia está baseada na ignorancia feminina, na escravidão mental da mulher. Nesse caso, convem que a familia seja derrubada, desmoronada totalmente, porquanto, está alicerçada na escravidão, no servilismo e na exploração de um dos contractantes do contracto que representa o casamento, para a constituição de cada familia. A sociedade, é pois, mantida á custa da estupidez, da ingenuidade ou da escravidão feminina. Logo, essa sociedade deve ser destruída. (MOURA, 1929)

Neste contexto, tais discursos esbarrariam na moral da época que, para as libertárias, se trataria apenas de uma questão de educação, da liberdade no que diz respeito aos sentimentos e ao prazer sexual feminino despido da sensação de pecado.

Desta maneira, Maria Lacerda de Moura nos deixa os primeiros passos para a possível solução dos problemas femininos:

Como solucionar todas essas questões vitais? O problema, por hora, de ser encarado sobre o seguinte aspecto:

1º - Educação sexual para ambos os sexos; assistência à juventude, consequentemente – propaganda anti-sifilítica.

2º - Novos ideais de organização social e, consequentemente, guerra de morte ao regime burguez-capitalista, de privilégio e castas, mantenedor do bem estar de uns à custa do sacrifício innominável da maioria.

3º - Decretar, em propaganda intensa, a falência da moral burguez-capitalista e apontar novas fórmulas de moral baseada no direito humano.

4º - Emancipação econômica e mental da mulher – para a apreensão dos ideais modernos, para o despertar do seu caráter e da sua individualidade, para que possa resistir ao patronato sem resvalar na prostituição. (MOURA, 1929)

Observamos que apesar dos quase 100 anos que nos separam da época em que o texto foi escrito a maior parte dos problemas das mulheres não foi solucionado e a grande maioria continua aguardando sua emancipação econômica e moral.

## Considerações Finais

Foram inúmeras as mulheres que lutaram pela emancipação feminina através do anarquismo, observando-o como única possibilidade de libertação total da mulher assim como de toda a humanidade, a partir do esforço de responder aos desafios do presente, à luz das ideias anarquistas.

Para Ribas (2015) elas não pregaram a superioridade da mulher em relação ao homem, mas sim, a construção, juntamente com ele, de uma sociedade justa e igual para todos. Nesse sentido, criticaram o feminismo sufragista tal como se apresentava em fins do século XIX e início do XX, e acabaram por influenciar gerações de mulheres que lutaram em outros momentos da história por amor e união livres e por uma maternidade consciente e fruto da vontade da mulher.

Todos esses retratos de mulher evidenciam a interpretação das mulheres anarquistas sobre as realidades femininas de seu tempo. O que nos cabe fazer é buscar sentir até que ponto tais ideias tocam a nós, mulheres do século XXI. Evidentemente nossas buscas são outras dadas às transformações ocorridas na legislação, no mercado de trabalho, nos modelos de relacionamento e de família. Apesar disso tudo, não podemos afirmar que estamos próximos de uma sociedade na qual homens e mulheres se respeitam e estabelecem formas de convivência harmônicas, desapegadas, complementadoras.

Para Rago (2012) essas mulheres tinham como ideal o combate ao poder e a luta pela construção do anarquismo, mais fortemente no campo da moral sexual e do feminismo. A opressão de que são vítimas as mulheres, a repressão sexual, a castração de suas potencialidades, o desrespeito às suas necessidades básicas, a violência contra o seu corpo, a exploração sexual, o estupro, a violência doméstica ganha prioridade em suas reflexões pioneiras tanto para o anarquismo quanto para o feminismo.

Estes são apenas alguns vislumbres da amplitude das discussões acerca do amor livre que sinalizavam para as mudanças e resistências relacionadas à família em curso na modernidade, e que, portanto, não podem ser considerado um estudo conclusivo ou acabado.

A história e as ciências humanas em geral podem dar às ciências da natureza e exatas uma dimensão ética e uma compreensão histórica, que podem evitar transformar suas descobertas em ideologias de controle ou em falsas compreensões da natureza humana, daí a importância de uma maior interação entre elas. Assim hoje não há nada que impeça as pessoas

de viverem da maneira como gostam. No entanto, de fato, tudo em nossa sociedade, dos anúncios publicitários na televisão às leis de herança, está baseado na suposição da compacta pequena unidade consumidora da família nuclear, mas que sinalizam para novas perspectivas de análises neste tão instigante tema, para além de uma simples análise pelo viés da moralidade, na tentativa de apresentar a profundidade que pode estar presentes nos estudos realizados sob perspectivas interdisciplinares.

Na época moderna, no que diz respeito ao amor, ocorrem demarcações de tipos ou especificidades das relações amorosas, associadas a etapas da vida. Entretanto, apesar das demarcações, há coexistência de diferentes tipos de relações amorosas em um mesmo momento ou a presença de características de um tipo de relacionamento amoroso em outro que surge depois.

No amor confluyente, cada indivíduo que participa do convívio emocional não busca uma pessoa especial, mas um relacionamento especial. A união pelo amor confluyente pressupõe uma igualdade entre homens e mulheres nas trocas afetivas e no recebimento emocional entre os parceiros, a partir do desenvolvimento da intimidade, transformando a realização do prazer sexual recíproco em um elemento-chave na manutenção ou dissolução do relacionamento. Assim, para Giddens (1993) o amor romântico é um amor sexual que liberta a arte erótica cultivada por prostitutas e concubinas, e o amor confluyente traz a arte erótica para dentro do relacionamento, transformando a realização do prazer sexual recíproco em um elemento-chave na manutenção ou dissolução do relacionamento. Nesse sentido, quase todos têm a oportunidade de ser sexualmente realizados porque abolem a distinção entre mulher respeitável e a marginalizada.

Bauman (2004) caracteriza as relações humanas contemporâneas a partir da fragilidade e da flexibilização que apresentam. Nenhuma variação do convívio humano para o autor é plenamente estruturada, nenhuma diferenciação interna é totalmente abrangente, inclusiva e livre de ambivalência, nenhuma hierarquia é total e congelada. A lógica das categorias imperfeitas preenche a diversificação endêmica e a desordem das interações humanas. O agente que atua nesse cenário é o homem sem vínculos, livre de compromisso com outrem, mas preso psicológica e espacialmente por medo do outro. O homem sem vínculo é corroído pela insegurança.

Mesmo com as diferentes concepções de amor, família, maternidade e relacionamentos, o que não nos fica dúvida é que todas elas são modificadas historicamente e a partir de distintos contextos sociais, os estudos de gênero já mostraram como as diferenças

entre os sexos, estabelecidas de maneira hierárquica, são construídas historicamente e como as noções de masculino e feminino são igualmente históricas.

Nossa proposta foi debater o conceito de Amor Livre feito pelas mulheres anarquista no início do século XX, pensando nele como um possível modelo que desconstrói socialmente e historicamente os valores de posse e exclusividade da ideia do amor, sendo uma forma de reação aos modelos de relação patriarcais, capitalistas e que coloca em debate a relação de poder entre gêneros.

O que pudemos perceber é o quanto ainda estamos distantes dos ideais de relacionamento propostos por essas mulheres do início do século XX, nunca se falou tanto em sexo, as revistas femininas ensinam o passo à passo para o orgasmo, mas as relações homem X mulher continuam, em sua maioria, permeadas pelo poder e dominação.

## REFERÊNCIAS

ALVARENGA, Lucas Thiago Rodarte. Nos bastidores de um jornal anarquista: comentários sobre o processo de produção e circulação do jornal A Terra Livre entre os anos de 1905 e 1910. *REH*. Ano IV, vol. 4, n. 8, jul./dez. 2017.

BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

BIROLI, Flávia. Autonomia, opressão e identidades: a resignificação da experiência na teoria política feminista. *Revista Estudos Feministas*, V.21, n.1, p. 81-106, 2013.

BOBBIO, Norberto.; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de política*. 11. ed. Brasília: Universidade de Brasília, 1998.

BOURDIEU, P. *A dominação masculina*. 2.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BOURDIEU, P.; BOLTANSKI, L. La production de l'idéologie dominante. *Actes de la recherche en sciences sociales*, n. 2/3, p.4-73, 1976.

CORRÊA, Anderson Romário Pereira. Sindicalismo Revolucionário e Anarco-sindicalismo: um estudo dos Congressos Operários no Rio Grande do Sul (1898 – 1928). *Estudios Históricos* - Año VIII N° 17. Uruguay - Diciembre 2016.

CORRÊA, Felipe. *Rediscutindo o anarquismo: uma abordagem teórica*. São Paulo, 2012.

CORRÊA, Felipe. *Bandeira Negra: Rediscutindo o Anarquismo*. Curitiba: Editora Prismas, 2015.

FERREIRA, Andrey Cordeiro. *150 anos da morte de Proudhon: saber subalterno e sociologia insurgente*. Publicado em 12 de junho de 2015. Disponível em: <https://nepcpda.wordpress.com/2015/06/12/150-anos-da-morte-de-proudhon-saber-subalterno-e-sociologia-insurgente/> Acesso em:

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: A vontade de saber*. São Paulo, Paz e Terra, 2014.

\_\_\_\_\_. *História da sexualidade II: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

\_\_\_\_\_. *História da sexualidade III: o cuidado de si*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

\_\_\_\_\_. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. São Paulo: Ed. Loyola, 2012.

\_\_\_\_\_. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

GIDDENS, A. As transformações da intimidade. Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: UNESP, 1993.

GOLDENBERG, Mirian; TOSCANO, Moema. A revolução das mulheres. Rio de Janeiro: Revan, 1992.

GOLDMAN, Emma. Tomado de la antologia de Irving Horowitz LOS ANARQUISTAS (Vol. 1) // (CORREO A, # 13, p. 19; junio 1990)

GOLDMAN, Emma. O indivíduo na sociedade. CNT de Compostela em Janeiro de 2010.

GOLDMAN, Emma. Casamento e Amor. Cadernos Cajuína, V. 1, N. 3, 2016.

GOLDMAN, Wendy Z. Mulher, Estado e Revolução: política familiar e vida social soviéticas, 1917-1936. São Paulo : Boi Tempo : Iskra Edições, 2014.

HOGAN, Deirdre. Feminismo, Classe e Anarquismo. RAG. Faísca Publicações Libertárias [www.editorafaisca.net](http://www.editorafaisca.net). 2009

HOROWITZ, Irving Louis (Selección). Los anarquistas: la teoria. Texto em PDF disponível em: <https://wold.fder.edu.uy/contenido/rll/contenido/licenciatura/documentos/horowitz-anarquistas.pdf>. Acesso em: XXXXX

KEHL, Maria Rita. As duas décadas dos anos 70. São Paulo: USP, 2005. Disponível em <http://www.espiral.fau.usp.br/arquivos-artigos/2005-Maria%20Rita%20Kehl-anos70.pdf>.

HEILBORN, Maria Luiza. Entre as tramas da sexualidade brasileira. Revista Estudos feministas, Florianópolis, 14(1): 336, janeiro-abril/2006.

MEAD, Margareth. Sexo e Temperamento. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2006.

MALUF, Adriana Calda do Rego Freitas Dahus. Novas modalidades de família na pós-modernidade. São Paulo: USP, 2010.

MENDES, Samanta Colhado. As mulheres anarquistas na cidade de São Paulo : 1889-1930 – Franca : UNESP, 2010.

MIRANDA, Jussara Valéria de. “Recuso-me”! Ditos e escritos de Maria Lacerda de Moura. Minas Gerais: UFU, 2006.

MOURA, Maria Lacerda de. Religião do Amor e da Belleza. São Paulo: O Pensamento, 1929.

\_\_\_\_\_. Han Ryner e o Amor plural. São Paulo: Ed. Unitas, 1928.

\_\_\_\_\_. A mulher é uma degenerada. Rio Janeiro: Civilização Brasileira Editora, 1924.

NEVES, Ana Sofia Antunes. As mulheres e os discursos genderizados sobre o amor: a caminho do “amor confluyente” ou o retorno ao mito do “amor romântico”? Estudos Feministas, Florianópolis, 15(3): 609-627, setembro-dezembro/2007

OLIVEIRA, José Guilherme Couto de. Reflexões sobre a natureza e a cultura da sexualidade. In: Reich: o corpo e a clínica. São Paulo: Summus Editorial, 1999.

RAGO, Margareth. Entre o anarquismo e o feminismo: Maria Lacerda de Moura e Luce Fabbri. São Paulo: Verve, 21-2012.

\_\_\_\_\_. Entre a história e a liberdade: Luce Fabbri e o anarquismo contemporâneo. São Paulo, UNESP, 2001. Recebida para publicação em setembro de 2001.

\_\_\_\_\_. A experiência feminina do anarquismo no Brasil. In: ARAUJO, Ângela M. C. (org.). Trabalho, cultura e cidadania. São Paulo. Scritta, 1997.

\_\_\_\_\_. Epistemologia feminista, gênero e história. CNT-Compostela, Agosto de 2012. Disponível em: [www.cntgaliza.org](http://www.cntgaliza.org)

\_\_\_\_\_. Novos modos de subjetivar: a experiência da organização Mujeres Libres na Revolução Espanhola. *Estudos Feministas*. Vol. 16, No. 1 (janeiro-abril - 2008).

RIBAS, Ana Claudia; MALUF, Sônia Weidner. Seria A Mulher Uma Degenerada? Lançando olhares sobre os discursos em defesa do prazer sexual feminino nas publicações anarquistas do século XX. Seminário internacional enlaçando sexualidades, Bahia, 2011.

RIBAS, Ana Claudia. Sexualidades d'A Plebe: Sexualidade, amor e moral nos discursos anarquistas do jornal A Plebe (1917-1951). - Florianópolis, SC, 2015

RODRIGUES, Edgar. História do Movimento Anarquista no Brasil. In: Pequena História de Imprensa Social no Brasil. Editora Insular, Florianópolis, 1997.

SCOTT, Joan. História das mulheres. In: BURKE, Peter (org.) A Escrita da História: novas perspectivas. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

\_\_\_\_\_. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação e Realidade, vol. 16, nº 2, Porto Alegre, jul./dez. 1990, p.5.

SORTER, Edwar. A formação da família moderna. Alguns capítulos, Lisboa, Terra Mar, 1975.

TEIXEIRA, A. (Org.). Utópicos, heréticos e malditos: os precursores do pensamento social de nossa época. Rio de Janeiro: Record, 2002.

WEISSHEIMER, Felipe Salvador. A Sexualidade Moderna E O “Imperativo Fálico”: Algumas reflexões sobre a emergência do “gozo genitalizado”. Vol.3, N.2 e 3, Maio - Dez. 2015 • [www.feminismos.neim.ufba.br](http://www.feminismos.neim.ufba.br)

## **Periódicos**

A Plebe, 1920, 1932, 1949 (Biblioteca Terra Livre). Disponível em:

<<https://bibliotecaterralivre.noblogs.org/biblioteca-virtual/jornais/a-plebe/>>

Renascença, 1923 (Arquivo Edgar Leuenroth Digital AEL/IFCH –Unicamp).

Revista Estudios (Digitalizada), 1929-1936. Disponível em:

<<http://www.bibliothekderfreien.de/lidiap/eng/>>

Revista Blanca (Digitalizada), 1924, 1926. Disponível em:

<<http://hemerotecadigital.bne.es/results.vm?q=parent:0002860475&lang=es>>

Revista Terra Livre (Digitalizada). Disponível em:

<<https://bibdig.biblioteca.unesp.br/discover>>